35

GEOGRAPHIA

DA

LUSITANIA

NA

EPOCHA PROTOHISTORICA

PELO

DR. J. LEITE DE VASCONCELLOS

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1903

GEOGRAPHIA DA LUSITANIA

GEOGRAPHIA

DA

LUSITANIA

NA

EPOCHA PROTOHISTORICA

PELO

DR. J. LEITE DE VASCONCELLOS

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1903

DOMINO

HENRICO D'ARBOIS DE JUBAINVILLE

Professori linguarum et litterarum Celticarum
in schola Parisiensi quae «Collège de France» dicitur

AMICO OPTIMO

MAGISTRO SAPIENTISSIMO AC BENEVOLENTISSIMO

Iosephus Leite de Vasconcellos

O pequeno trabalho que se segue deve ser encorporado no vol. II das *Religiões da Lusitania.*

Dedicando-o ao Sr. D'Arbois de Jubainville, lembro-me dos optimos dias que nos semestres de verão de 1899, 1900 e 1901 passei com elle em Paris, quer na sua bibliotheca particular, cujos livros pôs generosamente á minha disposição, quer no Collegio de França, onde assisti aos seus cursos de philologia celtica, tão apreciados e tão substanciaes.

O Sr. D'Arbois de Jubainville é um d'estes homens raros com quem não póde deixar de sympathizar-se. Modesto até o extremo, — ninguem receia acercar-se-lhe, nem ser mal acolhido; generoso em distribuir com mãos largas os conhecimentos que com porfiado estudo tem enthesourado, — todos o buscam, confiados em que, quando se lhe falla, sempre se aprende; espirito sincero e justo,

que não deixa um unico instante de acompanhar a sciencia nas mais recentes conquistas, nem de, pela parte que lhe toca, a fazer constantemente progredir, — ha a certeza de que da sua boca não se ouve uma cousa por outra, mas só aquillo que se tem por scientificamente averiguado.

São muitos os seus trabalhos, que versam principalmente sobre assuntos de celtismo, — lingoa e litteratura —, por exemplo: *Essai d'un catalogue de la littérature épique de l'Irlande,* 1883; *Cours de littérature celtique,* 12 volumes, 1883-1902; *Les noms gaulois chez César et Hirtius,* 1891; *Recherches sur l'origine de la propriété foncière et des noms de lieux habités en France* (période celtique et période romaine), 1891[1]; *Grammaire celtique,* 1903; e numerosos artigos em várias revistas, principalmente na *Revue Celtique,* que elle dirige desde 1886. Esta ultima foi fundada pelo Sr. H. Gaidoz, professor, tambem de philologia celtica, na Eschola de Estudos Superiores de Paris: a sciencia deve grandes serviços a esta revista, pelos materiaes nella publicados, e pela critica com que sempre tem sido redigida.

Alem da philologia celtica, o Sr. D'Arbois tem estudado, tanto na mencionada revista, e noutras, como na preciosa obra *Les premiers habi-*

---

[1] Vid. uma noticia d'este livro na *Revista Lusitana,* II, 182-184 (por F. Adolfo Coelho).

tants de l'Europe, 2.ª ed., 2 vols., 1889-1892, os problemas que se referem á ethnologia antiga[1].

No decorrer dos seus estudos, não poucas vezes tem o Sr. D'Arbois tocado na Peninsula Iberica, e, como parte integrante d'ella, no nosso país. Citarei, em especial, um artigo intitulado *Les celtes en Espagne,* publicado na *Revue Celtique,* XIV e XV, e a referida obra *Les premiers habitants de l'Europe,* onde, no vol. I, p. 47-63, se lêem lucidos paragraphos sobre os habitadores protohistoricos da Iberia.

Já fallando, já escrevendo, o Sr. D'Arbois de Jubainville usa de grande clareza de exposição; não é essa a somenos qualidade que nelle apreciam os que o ouvem, ou os que lhe aprendem pelos livros.

Neste opusculo, que tomei a liberdade de lhe offerecer, encontrará elle expostos alguns factos que se relacionam com os seus estudos. Oxalá que aos olhos do prestimoso sabio e venerando ancião appareçam como testemunho, embora pobre, porém verdadeiro, do meu affecto, estas folhas que lhe envio dos campos da velha e longinqua Lusitania!

Lisboa, 7 de Julho de 1903.

---

[1] Em alguns dos trabalhos que a cima indiquei collaboraram outros philologos, amigos do Sr. D'Arbois. Os vols. III, IV e IX-XI do *Cours de littérature celtique* foram todos mesmo escritos pelo Sr. J. oth, professor da Universidade de Rennes.

GEOGRAPHIA

DA

LUSITANIA PROTOHISTORICA

NA PARTE QUE PRINCIPALMENTE SE REFERE A PORTUGAL

Ille terrarum mihi praeter omnes
Augulus ridet.

HORATIVS, *Carm.*, II, IV.

A Lusitania, ou extremidade occidental da Iberia, no sentido em que no vol. I, pp. XXI–XXIII, a tomei, constava de tres grandes regiões, physicamente bem determinadas:

1 — *Cyneticum* (Algarve);

2 — mesopotamia d'Entre-Tejo-e-Guadiana;

3 — Lusitania primitiva (entre o Tejo e o extremo Norte da Galliza), — região ainda decomponivel em:

a) comarca d'entre Tejo e Douro;

b) *Callaecia*.

---

[1] Para a elaboração d'este escrito sirvo-me quasi exclusivamente das informações dadas pelos proprios AA. classicos, e dos resultados obtidos pela archeologia.

*

Comecemos a descripção pelo Sul. Esta será muito summária; os desenvolvimentos só teriam cabimento em obra de outro genero.

A região correspondente ao moderno Algarve tinha na litteratura grega a designação de Κυνητικόν = CYNETICUM, tirada de Cynetes, nome dos habitantes; assim o refere Herodóro de Heracleia, que viveu no seç. v antes de Christo [1].

Situada junto do mar occidental [2], e dotada de maravilhosa doçura de clima [3], abundava, como hoje, de todos os mimos da Natureza [4], e constituia tambem uma porta aberta para entrarem facilmente, como entraram, povos conquistadores e productos do commércio e da civilização. A parte meridional é plana [5]; a septentrional montanhosa. Ou porque no Algarve havia outr'ora muito mais arvoredo do que hoje, ou porque se tinha em mira principalmente a vegetação das montanhas, o que é certo é que o historiador Justino, que resumiu a Trogo Pompeu, diz que os Cunetes (= Cynetes) habitavam os *bosques* dos Tartesios, — saltus vero Tartesiorum . . incoluere Cunetes [6] —, onde á palavra *Tartesii* se dá bastante amplidão de sentido; como os Cynetes ficavam no Algarve, temos as-

---

[1] O fragmento em que vem este passo foi-nos conservado por Estevão de Byzancio: vid. *De urbibus*, Amsterdam 1778, p. 397. ed. de Thomás de Pinedo, judeu português do sec. XVII; e *Frágmenta historicorum Graecorum*, de C. Müller, vol. II, pag. 34.

[2] Estrabão, *Geographia*, III, II, 6. Quando eu não citar outra edição, entende-se que sempre me sirvo da de C. Müller & F. Dübner, Paris (Didot) 1853.

[3] Estrabão falla, de modo geral, da excellencia do clima do Occidente da Iberia no liv. III, cap. II, § 13.

[4] Estrabão, *ob. cit.*, III, II, 6. O geographo falla da Turdetania em geral, mas não exclue o Algarve, poisque no § 5 cita a cidade de [*Os*]*sonoba*.

[5] Cfr. tambem Estrabão, *ob. cit.*, III, II, 4.

[6] Liv. XLIV, 4. Edição de Rühl. — Os mss. de Justino tem a lição *Curetes*, que tem sido justamente corrigida em *Cunetes* (=Cynetes).

sim neste passo uma notícia dos antigos bosques algarvios, a qual está de acordo com uns versos de Avieno citados a baixo, onde se falla dos *dumosa caespitum,* ou «moitas», do Sacro Promontorio.

No Algarve, ou *Cynetiacum*, ha dois cabos importantes: o de S. Vicente–Sagres, que tem nos AA. antigos as designações de Ἱερὸν ἀκρωτήριον [1], SACRUM PROMUNTURIUM [2] e outras; e o de Santa Maria, que tem em Mela [3] e Plinio [4] a designação, quanto a mim, inexacta, de CUNEUS.

O Sacro Promontorio formava o extremo da terra habitada [5]; e pela sua situação, e pelas lendas que lhe andavam annexas, das quaes me occupo nas *Relig. da Lusit.,* vol. II, impressionou bastante a imaginação dos antigos. O territorio adjacente a elle chamava-se em latim *Cuneus,* «cunha» [6], em virtude da sua fórma [7], e por confusão com *Cynetes* = *Cunetes* [8]; um auctor romano [9] chega mesmo a empregar, como synonima do nome do cabo, uma latinização («per *Sphenis* frontem») da palavra grega Σφήν, que significa igualmente «cunha» [10], e que já Estrabão traduzia por Κύνεος,

---

[1] Por exemplo em Estrabão, *ob. cit.,* III, I, 4.

[2] Por exemplo em Plinio, *Naturalis Historia,* II, 242. A edição de que me sirvo é a de Detlefsen, Berlim 1866–1882, em 6 volumes.

[3] *De situ orbis,* III, 7. Sirvo-me da edição de Frick, Leipzig 1880

[4] Plinio, *Naturalis Historia,* IV, 116.

[5] Estrabão, *ob. cit.,* III, I, 4.

[6] Estrabão, *ob. cit.,* III, I, 4.

[7] Não é raro na litteratura latina o emprêgo de *cuneus,* e do seu derivado *cuneare,* para exprimir certa configuração triangular do terreno, sobretudo fallando-se de cabos, por ex. «Britannia in *cuneum* tenuatur» (Tacito, *Agric.,* 10). Da propria Hispania diz Plinio: «e radicibus Pyrenaei, ubi *cuneatur* (Hispania) inter duo maria» (*Naturalis Historia,* III, 29). Vid. varios exemplos em Freund, *Dicc. da ling. lat.,* s. v. «cuneo» e «cuneare».

[8] Cfr. Tzschucke ad Pomponium Melam (apud Ukert, *Geogr. der Griech. u. Röm.,* II, 310).

[9] Mariano Capella, *De geometria,* no cap. da «dimensione terrae».

[10] D'este ponto tratou tambem R. Zimmermann na dissertação escolar intitulada *Quibus auctoribus Strabo in libro tertio* Geographicorum *conscribendo usus sit, quaeritur,* Halle 1883, p. 7.

Cuneus! O promontorio faz saliencia pelo mar a dentro; o geographo grego Artemidóro, que vivia no sec. I antes de Christo, e que esteve alli [1], menciona a existencia de tres ilhotas deante do cabo; porém ellas são tão pouco importantes, que Avieno só se refere a duas (uma das quaes nem mesmo tinha nome):

> Hic insularum semet alte subrigit
> Vertex duarum: nominis minor indiga est,
> Aliam uocauit mos tenax Agonida [2].

Eu estive no local em 1894 com o intuito de ver até que ponto a geographia antiga póde neste caso explicar-se pela moderna, e verifiquei effectivamente a existencia das tres ilhotas de Artemidóro: uma, que tem certa extensão, e provavelmente corresponde á *Agonis* de Avieno, chama-se ilha ou *ilhote* da *Armação-Nova;* outra chama-se *ilhote* ou *pedra* do *Caxado* (cajado); outra *linxão* (leixão) *de S. Vicente* [3]. O mar brame temeroso e espumante nas rochas do promontorio; a descripção de Avieno é bem exacta:

> Inhorret i n d e rupibus cautes sacra
> . . . . . feruet inlisum mare
> Litusque late saxeum distenditur [4].

---

[1] Apud Estrabão, *Geographia,* III, I, 4.

[2] *Ora maritima,* vv. 212–214. Ed. de Holder. Este poema, embora composto no sec. IV da E. C., reproduz, como é sabido, antiquissimas noticias geographicas, pois que Avieno, «par un jeu d'érudition, s'est amusé à mettre en vers une description archaïque des côtes de l'Europe» (D'Arbois de Jubainville, *Cours de Litt. Celt.,* XII, 37). Do poema resta só um fragmento, mas importante.

[3] Na viagem que fiz ao cabo em 1894 acompanhou-me o Sr. Maximiano Apollinario, que estava a esse tempo ao serviço do Museu Ethnologico Português, o Sr. E. Spencer Dodgson, viajante inglês, e o Sr. Galvão junior, de Lagos. Cfr.: Dodgson, in *The Season* (jornal) de 30 de Abril de 1896, onde elle se refere á viagem; e E. Hübner, «Die Nordwest- und die Sudwestspitze von Hispanien», in *Kiepert-Festschrift* (1898), pp. 42–44, em que elle aproveita as noticias que Dodgson lhe ministrou.

[4] *Ora maritima,* vv. 215–217. — Esta *cautes sacra* é no meu entender a *ponta de Sagrès.*

Da abundancia de gado cabrum na região do promontorio falla o mesmo poeta, fazendo sobresair a qualidade do pêlo dos animaes:

> Hirtae hic capellae, et multus incolis[1] caper
> Dumosa semper intererrant caespitum:
> Castrorum in usum et nauticis velamina
> Productiores et graues setas alunt[2].

No promontorio em si não existem povoações[3]; apenas Estrabão falla de uma aldeia nas vizinhanças, κώμη πλησίον[4], e temos noticia do apparecimento ahi de antigualhas pre-romanas[5]. — O geographo latino Pomponio Mela costuma, ao fallar dos cabos da Lusitania, entender pela expressão *promunturium* não só o cabo propriamente dito, mas tambem a região que lhe está proxima: é por esse motivo que situa no Sacro Promontorio a cidade de *Laccobriga*[6], que corresponde hoje pouco mais ou menos a Lagos[7], e o *Portus Hannibalis*[8], que parece ser Villa Nova de Portimão. Em Bensafrim, que não fica muito longe de Lagos, encontraram-se importantes monumentos da civilização pre-romana: refiro-me ás lapides escritas em caracteres

---

[1] O facto de aqui se fallar de *incolae* «habitantes», mostra que não se trata do cabo propriamente dito, mas dos arredores; o cabo não era habitado, porque era logar sagrado, onde de mais a mais não havia agoa, e aonde nem mesmo era possivel ir alguem de noite, — diz Estrabão, *ob. cit.*, III, I, 4. E que só se trata da região em que está o cabo, e não de todo o Algarve, mostra-o o v. 222, em que se marca a distancia d'aquelle ponto ao Anas, que ficava no extremo do Cyneticum.

[2] Vv. 217-221.

[3] Cf. o que digo na ante penultima nota.

[4] *Geographia*, III, I, 14.

[5] Vid. os Mappas archeologicos do Algarve, de Estacio da Veiga

[6] III, 7.

[7] Cfr. Rocha Espanca, «As Lacobrigas da Lusitania», in *Revista, Archeologica*, II, 173 sqq.; e Baptista Lopes, *Chorographia do Algarve*. p. 225.

[8] III, 7.

ibericos[1]; isto prova que lá tambem havia povoação, ainda que lhe não sabemos o nome.

Se do Sacro Promontorio passamos á outra região algarvia, que Mela e Plinio, como disse, denominaram *Cuneus*, encontramos ahi notícia de algumas cidades pre-romanas. Antes, porém, de as mencionar, discutirei a propriedade d'aquella denominação. Eis as palavras de Mela: «[promunturium] Anae proximum, quia lata sede procurrens paulatim se ac sua latera fastigat, *Cuneus ager* dicitur»[2]. Plinio não entra em minucias, cita apenas o nome do cabo. É evidente que a descripção feita por Mela só convem ao Sacro Promontorio (S. Vicente–Sagres): basta olhar para um mappa geographico, para ver que é elle, e não o de Santa Maria, que tem fórma de cunha, — *Cuneus* —, larga na base, — *lata sede* —, e successivamente estreita dos lados para a extremidade, — *paulatim se ac sua latera fastigat* —; o cabo de Santa Maria, pelo contrário, é «formado pela extremidade meridional d'huma ilha d'areia muito rasa»[3]. Em contraposição do que diz Mela temos tambem o texto de Estrabão[4], citado a cima, e segundo o qual o *Cuneus* era a região adjacente ao Sacro Promontorio[5]. Como se explica então a affirmativa de

---

[1] Vid. Hübner, *Monumenta linguae Ibericae*, n.º LXXI sqq., e o meu artigo «Nova inscripção iberica do Sul de Portugal» in *O Archeologo Português*, III, 185.

[2] III, 7.

[3] Silva Lopes, *Corographia do reino do Algarve*, p. 28. Este A. repete, sem o discutir, o tradicional nome de *Cuneus* dado ao Cabo.

[4] III, I, 4.

[5] Não posso pois subscrever á opinião de W. Christ, defendida por Müllenhoff, *Deutsche Altertumskunde*, I, Berlim 1890, p. 115, de que o *Cuneus* de Estrabão (i. é, de Artemidoro, que neste passo serviu de auctoridade ao geographo amasiense) não era o Cabo de S. Vicente, mas correspondia melhor ao de Santa Maria, e que a «*montanha sagrada*, á qual de noite ninguem podia ir, porque então a visitavam os deuses, era o moderno monte do Figo» (.. also sein heiliger berg, den nachts niemand besteigen durfte weil dann götter ihn besuchten, der jetzige *monte Figo*): nem Estrabão falla de *montanha*

Mela e Plinio? Parece-me que muito simplezmente. Mela, ou o auctor que elle seguiu, talvez Varrão ou Aggripa (a obra de Mela é um pouco anterior á de Plinio), conhecia dois cabos no Algarve: um, o de Santa Maria, cujo nome não sabemos qual era (nem elle mesmo o sabia provavelmente); e outro, o Sacro, que tinha dois nomes — este, e o de *Cuneus*, dado propriamente a toda a região adjacente. Deante de dois cabos, e de dois nomes, que fez o geographo? Attribuiu, natural mas inconscientemente, ao cabo innominado um dos nomes que sobrava do outro. E dá-se no mesmo A. não só confusão de nomes, mas de ideias: pois o cabo que fica perto do Anas é o de Santa Maria, e o que tem fórma de cunha é o Sacro [1]. Plinio repetiu o equi-

---

alguma, pois refere-se apenas ao cabo, nem o monte do Figo fica pegado a Santa Maria. O trabalho de W. Christ, em que vem exarada aquella opinião, intitula-se *Avien und die ältesten Nachrichten über Iberien und die Westküste Europa's*, Munich 1865, pag. 48, nota; Christ desconhecia a existencia das ilhotas ou leixões que ha em frente do Cabo de S. Vicente, e só conhecia as ilhotas que ha em frente do de Santa Maria; para conformar com a realidade a descripção feita por Estrabão (Artemidoro), que falla de tres ilhotas, foi que elle applicou a Santa Maria o que o geographo grego claramente diz de S. Vicente-Sagres.—Tambem Ziemmermann, *Quibus auctoribus Strabo, etc.*, já citado, diz, segundo creio, sem razão: «aliter Melam aliter Strabonem loca quibus *cuneus* nomen est, animo sibi finxisse elucet» (p. 7): o que é manifesto, —*elucet*—, é que Mela applicou ao cabo de Santa Maria a descripção do de S. Vicente.—Não se commentarão com segurança os geographos antigos, sem se conhecerem os proprios logares, ou se terem d'elles notícias exactas.—Que o Promontorio de S. Vicente-Sagres tivesse dois nomes, um deduzido das lendas, —*Promunturium Sacrum*—, outro de origem ethnologica e geographica, —*Cuneus*—, nada tem estranho, pois tambem o Cabo da Roca se chamava na antiguidade *Promunturium Magnum*, *Promunturium Olisiponense*, etc., sendo o primeiro nome tirado do seu aspecto, e o segundo da sua situação na vizinhança de Olisipo.

[1] Havia outros cabos com mais de um nome, por ex., o da Roca, que se chamava *da Lua*, *Olisiponense* e *Magno*. Plinio, *Naturalis Historia*, IV, 113, chama-lhe alem d'isso *Artabrum* («dos Artabros»)! Cfr. a nota antecedente.

voco[1].—No cabo de Santa Maria colloca Pomponio Mela a cidade pre-romana de *Ossonoba,* e, de accôrdo com a maneira como o geographo encara os cabos da Lusitania, a que attribue grande prolongamento mediterraneo, tambem ahi colloca *Balsa,* e, o que mais surprehende, *Myrtilis*![2] Todas estas cidades são conhecidas de outras fontes. A situação de Ossonoba não foi ainda determinada com rigor, deve porém ter sido em Faro, ou perto; *Balsa* correspondia ao aro de Tavira, propriamente á freguesia da Senhora da Luz; *Myrtilis* não ha dúvida que era Mertola. Outra cidade, que conhecemos pela litteratura e pela numismatica, é *Baesuris*[3], correspondente, segundo se crê, a Castro-Marim. De todas ellas pouco todavia, alem dos nomes, nos resta que possa attribuir-se á epocha protohistorica. Eram cidades, as duas primeiras, postas junto do mar, a terceira e a quarta na margem esquerda de um rio navegavel[4], o *Anas,* hoje Guadiana: do que ha-de concluir-se que gozariam de bastante importancia commercial e industrial, sobretudo no periodo phenicio.

O Anas, que é o maior rio do Algarve, e limite natural entre o *Cyneticum* e o *ager Tartesius*[5], já o vimos a cima nuns versos de Avieno; muitos outros AA. o mencionam,

---

[1] A. Haebler, na memoria intitulada «Die Nord- und Westküste Hispaniens», publicada no *Jahrsbericht des königl. Gymnasiums zu Leipzig,* 1886, diz, a p. 34, que a fonte commum onde beberam Mela e Plinio a este respeito foi Artemidoro; mas do que na nota 5 de p. 12 observei, resulta que não posso acceitar esta opinião, pois Artemidoro falla de S. Vicente-Sagres, e não de Santa Maria.

[2] III, 7.

[3] O seu nome verdadeiro é este, e não *Aesuris* ou *Aesuri* (que citei no vol. I, p. XXXV, segundo a lição que até então estava adoptada,—vid., por exemplo, *Monumenta linguae Ibericae,* indice, s. v.) A lição *Baesuris* é dada pelo anonymo de Ravenna sob a fórma *Besuris,* e por uma moeda, sob a fórma *Baesuri:* cf. R. Mowat in *Revue Numismatique,* 1899, 2.º semestre, p. 243 sqq., e in *O Archeologo Português,* V, 17 sqq.

[4] Estrabão, *ob. cit.,* III, II, 3.

[5] Avieno, *Ora maritima,* vv. 223-224.

entre os quaes Estrabão, que o descreve com algum cuidado [1], e Plinio, que diz: «ortus hic in Laminitano agro citerioris Hispaniae et modo in stagna se fundens modo in angustias resorbens aut in totum cuniculis condens et saepius nasci gaudens in Atlanticum oceanum effunditur» [2], — descripção que ainda agora é verdadeira. De peixes colhidos nelle e no mar era farto o Algarve, como hoje, o que produzia a industria especial da pesca.

Ficam assim indicadas as duas regiões extremas e meridionaes do Algarve, as unicas acêrca das quaes os AA. classicos nos deixaram informações; das centraes e das septentrionaes só temos notícias pela archeologia, mas para o meu intento pouco importa aqui dizer. Inscripções em caracteres pre-romanos, como as que appareceram no concelho de Lagos, appareceram tambem nos de Silves, Alcoutim [3] e Loulé [4], o que prova que a civilização a que ellas pertencem se estendeu mais ou menos por todo o Algarve, facto nada estranho, pois ella ultrapassou mesmo as montanhas, para, pelo menos, chegar ao Alemtejo, como veremos adeante. Estacio da Veiga, que conhecia bem a provincia algarvia, nota por toda ella bastantes reliquias pre-romanas, que correspondem a variados centros geographicos [5]. É provavel que muitos dos vestigios antigos que ahi ha, de trabalhos de mineração, datem da epocha protohistorica, pois o solo possuia muitas riquezas mineraes: Estrabão não deixa de notar a actividade dos Turdetanos na extracção do ouro, da prata, do cobre, etc. [6]; o geographo

---

[1] III, I, 6 etc.

[2] *Naturalis Historia,* III, § 6.

[3] Estacio da Veiga, *Antiguidades do Algarve,* IV, 285-287.

[4] Vid. *O Archeologo Português,* V, 40.

[5] Vid. *Antiguidades do Algarve,* vol. I, mappa geographico.

[6] III, II, 8. Á Turdetania pertencia Ossonoba (Estrabão, III, II, 5); e Ptolemeu attribue aos Turdetanos várias cidades algarvias e alemtejanas (II, V): por tanto as palavras de Estrabão, em relação ás minas, deve tambem entender-se que se applicam ao Sul do nosso país.

falla sobretudo do seu tempo, mas o que diz tem igualmente applicação ao passado, tanto mais que, nota elle, algumas das minas de cobre se chamavam *de ouro* (χρυσεῖα), «d'onde, accrescenta, se conclue que d'ellas outr'ora [i. e., anteriormente ao tempo de Estrabão] se extrahiu ouro» [1].

*

Ao *Cyneticum* ficava adjacente a mesopotamia de Entre-Tejo-e-Guadiana [2]. É o proprio Estrabão quem emprega esta palavra *mesopotamia:* o *Tagus,* ou «Tejo», dirige-se em linha recta para o occidente, ao passo que o Anas se volta para o Sul, delimitando uma mesopotamia: ὁ [Τάγος] μὲν ἐπ' εὐθείας εἰς τὴν ἑσπέραν ἐκδίδωσι . . ὁ δ' Ἄνας πρὸς νότον ἐπιστρέφει, τὴν μεσοποταμίαν ἀφορίζων, ἣν κ. τ. ἄ. [3].

Nesta mesopotamia é preciso considerar a costa e o interior.

Por infelicidade, faltam-nos notícias acêrca de muitos locaes situados na costa. É assim, por exemplo, que não consta que nome tivesse na antiguidade o cabo de Sines.

Se não érro na interpretação da *Ora maritima* de Avieno, temos no v. 200 menção da barra do rio Mira, sob a denominação de *patulus portus* «porto vasto»; esta barra está hoje obstruida por areias, e tem por isso pouca importancia, mas d'antes (ainda em 1828) não succedia o mesmo, pois entravam por ella navios de alto bordo [4]. A

---

[1] III, II, 8.

[2] *Entre-Tejo-e-Guadiana* ou *Entre-Tejo-e-Odiana* é designação geographica usada pelos nossos antigos AA., e correspondente pouco mais ou menos á de *Alemtejo,* no sentido primitivo da expressão (= alem-Tejo): cf. *Revista Lusitana,* III, 247; e *Benedictina Lusitana,* I, 223. Os antigos costumavam designar muito naturalmente as zonas geographicas pelos nomes dos rios. Aos exemplos portuguezes que citei na *Revista Lusitana,* III, 222, junte-se mais este, que vem num documento do sec. XV, mencionado na *Revista de Guimarães,* XIV, 93: «Entre-Douro-e-Mondego».

[3] III, I, 6.

[4] Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno,* XI, 859.

região do rio Mira é rica de minerios; em alguns sitios descobrem-se vestigios de trabalhos antigos: quem sabe se esses trabalhos ascenderão á epocha phenicia, e se d'elles provirá a noticia contida no périplo cujo último echo se encontra no poema de Avieno?

A cima do referido *patulus portus* menciona Avieno, v. 199, uma ilha denominada *Poctanion*. Esta ilha não póde ser senão a do Pessegueiro, que fica entre o cabo de Sines e a foz de Mira; já o hespanhol Juan de Mariana fez a mesma identificação[1], a que eu tambem fui levado antes de conhecer o texto d'este auctor. Pinho Leal, que soube vagamente o que escreveu Mariana, diz que na ilha «se encontram ainda actualmente vestigios de remota occupação»[2]. Bem mereceria a pena proceder nella a algumas excavações archeologicas. A ilha do Pessegueiro é pequena, mas não tanto que ahi não se fundasse no sec. XVII um forte, que tinha a guarnição de trinta soldados[3]. Não é pois de admirar que o périplo a mencionasse.

Segue-se o cabo de Sines, cujo nome antigo, como disse acima, não sabemos, e a embocadura do rio Sado no oceano, á qual chama Estrabão golfo, — κόλπος[4]; o mesmo diz Mela, — *sinus*[5]. O nome *Sado* parece de origem moderna[6]; o nome antigo era *Calipus* = Καλίπους[7].

Por ahi ficava a ilha

Achale vocata ab incolis,

no dizer de Avieno, v. 184, — correspondente talvez á

---

1 *Historia general de España,* edição de 1751, t. I, p. 156.

2 *Portugal antigo e moderno,* XI, 859.

3 Pinho Leal, *ob. cit.,* VI, 514.

4 III, III, 1.

5 III, I, 56.

6 Vid. *O Archeologo Português,* I, 84; mas cfr. David Lopes, *Toponymia arabe de Portugal,* Paris 1902, p. 35.

7 Marciano de Heraclea, II, 13, ed. de C. Müller (Dido); e Ptolemeu, II, 5, 2 (Καλλίπους), ed. de C. Müller (Didot).

lingueta de areia em que estão as ruinas de Troia [1]; junto d'ella a agoa estava como que estagnada e cheia de lodo:

> Confundi at illic aequor immundo luto,
> Memorant vetusti; semper atque sordibus
> Ut faeculentos gurgites haerescere [2].

Como limite costeiro da mesopotamia estraboniana, apparece-nos, confinada ao Norte pela foz do Tejo, a viçosa peninsula da Arrabida, cuja ponta mais saliente constitue o cabo chamado hoje *de Espichel,* e antigamente *Barbárion* [3]. A expressão *iugum Cepresicum* (ou *Cempsicum*) [4], de que se serve Avieno [5], ao descrever a costa maritima nestes sitios, tanto póde significar o cabo em especial, como a propria serra da Arrabida, pois que *iugum,* se quer dizer «cabo», tambem quer dizer «serra»; mas parece que aqui tem antes a primeira significação. Ambas as denominações, *Cepresicum* (ou *Cempsicum*) e *Barbárion,* apresentam caracter adjectival, como as de outros cabos e regiões, por ex.: *promunturium Olisiponense, iugum Cyneticum.*

---

[1] Cf. Müllenhoff, *Deutsche Altertumskunde,* I, Berlin 1890, p. 104; e Martins Sarmento, *Ora maritima (estudo d'este poema),* 2.ª ed., p. 42 sqq. Este ultimo A., *ob. cit.,* p. 46, identifica, a meu ver, inexactamente, *Achale* e *Poetanion,* pois *Poetanion* localiza-se bem, como vimos, na ilha do Pessegueiro. Tambem Sarmento quer tirar da expressão de Avieno *vocata ab incolis* deducções historicas; mas é manifesto que *ab incolis* não passa de mera redundancia poetica.

[2] Avieno, *Ora maritima,* vv. 192–194.

[3] Estrabão, *ob. cit.,* III, III, 1; Marciano, *ob. cit.,* II, 13.

[4] Na editio princeps da *Ora maritima,* Veneza 1488, lê-se realmente *Cepresicum,* e assim tambem se lê nas edições posteriores; mas Wernsdorf propõe a correcção *Cempsicum* (apud Holder, ed. da *Ora maritima,* p. 151), o que não deixa de ter certo fundamento (apesar do que diz Ursin, *De Lusitania,* Helsingfors 1884, p. 12), até mesmo paleographicamente, pois nos mss. era facil confundir-se *Cep̄sicum,* abreviatura de *Cepresicum,* com *Cēpsicum,* abreviatura de *Cempsicum.* A expressão *Cepresicum* é um ἅπαξ λεγόμενον.

[5] vieno, *Ora maritima,* vv. 182–183:

> ..... tum Cepresicum
> iugum intumescit.

A respeito do interior da região de que presentemente me occupo, ministra-nos a litteratura e a archeologia bastantes notícias, posto que incompletas, e difficeis, ou impossiveis por vezes, de justificar pelos factos modernos. É assim que, por exemplo, Ptolemeu menciona certo número de cidades pre-romanas, cujo *ubi* se ignora: *Braetolaeum* = Βραιτόλαιον, *Arcóbriga* = Ἀρκόβριγα, *Meribriga* = Μερίβριγα, *Catraleucus* = Κατραλευκός, *Arandis* = Ἀρανδίς[1] Esta última é tambem mencionada no *Itinerario* de Antonino sob a fórma *Aranni* e pelo Ravennate sob a fórma *Arani;* Plinio emprega o ethnico *Aranditani,* que faz presuppôr a fórma *Arandis*[2].

No Baixo-Alemtejo ha uma extensa região denominada actualmente *Campo de Ourique,* onde se encontraram bastantes inscripções ibericas[3], que estabelecem communidade de relações entre os povos a que ellas pertenciam e os povos algarvios em cujos territorios appareceram, como vimos a p. 15, monumentos analogos. Nesta região houve pois povoados pre-romanos. Não sabemos porém os seus nomes. Talvez algumas das citadas cidades ptolemaicas estivessem aqui. Não longe da villa de Ourique fica um monte com vestigios de fortificações archaicas, por nome *A Colla,* onde estive em 1897, e que, comquanto primeiro romanizado, e depois christianizado, foi certamente estação protohistorica[4]. A SE. de Ourique jaz Almodovar; neste concelho appareceram tambem inscripções ibericas[5].

Pelos vestigios archeologicos descobertos por toda a mesopotamia, — e ahi eu proprio tenho achado muitos —,

---

[1] *Geographia,* II, 5.

[2] Vid. C. Müller, ad Ptolemaeum, pp. 134–135, nota.

[3] Vid. *Monumenta linguae Ibericae,* de E. Hübner, p. 192 sqq. — Deve-se ao incansavel arcebispo Cenaculo, honra do clero português, o não se haverem perdido para a sciencia estas e outras inscripções.

[4] A proposito d'este monte ha uma pequena litteratura archeologica (Résende, Cenaculo, G. Pereira; cf. tambem *Corp. Inscr. Lat.,* II p. 788).

[5] Vid. *Monumenta linguae Ibericae,* n.os LXIX e LXX.

sabe-se que ella foi bastante povoada em tempos antigos. De um lado o Anas, do outro o Calipus e o mar, sem fallar no Tagus, que a limitava pelo N., facilitavam as relações ethnicas. Aos povos que viessem de fóra não os attrahiria a belleza do país, como no Algarve, porque o Alemtejo é geralmente sêcco e melancolico, com os seus infinitos *montados* de azinho e sobro, onde raro serpeia um rio ou brota uma fonte; attrahia-os todavia, entre outras, a riqueza mineria do solo. Já a cima citei as minas da região do rio Mira. Ao N. de Ourique, em Aljustrel, existem provas de exploração metallurgica, umas romanas, outras, ao que parece, pre-romanas; o mais célebre monumento que nos resta d'esses trabalhos, e que ascende á epocha romana (sec. I da E. C.), é a tabula de bronze em que se contém uma lei que se refere á mina; esta tinha designação pre-romana, — *metallum Vipascense:* o adjectivo *Vipascense* faz suppôr que o substantivo que d'elle deriva era *Vipascum* ou *Vipasca,* que constituia propriamente o nome da povoação a que a mina pertencia, ou do sítio em que esta estava[1].

Quem do *metallum,* ou «mina», *Vipascense* caminhasse para NO., para o lado da costa, atravessando o *Calipus* e a Serra de Grandola, encontraria a cidade de *Merobriga,* que se suppõe corresponder á moderna villa de S. Tiago de Cacem; nesta villa se tem encontrado muitos monumentos archeologicos, mas que datam da epocha romana[2].

Pax Iulia, que ficava na planicie em que hoje está Beja, apresenta denominação latina; eu não tinha pois de aqui a incluir: comtudo no aro bejense apparecem vestigios de civilizações mais antigas[3].

---

[1] A lei (em latim) tem já sido publicada várias vezes, por AA. nacionaes e estrangeiros. Vid. *Corp. Inscr. Lat.,* II (Supplemento), p. 788 sqq.

[2] Vid. *Corp. Inscr. Lat.,* II, 5, e Suppl., p. 802.

[3] Alguns estão representados no Museu Municipal de Beja, outros no Museu Ethnologico Português.

No mesmo caso está *Salacia.* O seu primitivo nome, segundo o que se lê nas moedas cunhadas por este *municipium,* era *Eviom*[1]. A cidade jazia nas margens do Calipus. Uma das grandes riquezas actuaes das terras transtaganas são os gados; já assim succedia em tempos antigos, o que se deduz, por exemplo, de um texto de Estrabão[2]. Como industria correlativa vinha o preparo da lã: ora justamente aquelle geographo[3] e Plinio[4] memoram as lãs de Salacia.

Perto do Sado ficava tambem *Caetobriga,* que mal póde identificar-se com as ruinas romanas de Troia de Setubal[5]; *Caetobriga* devia ser, na origem pelo menos, como o nome *-briga* o indica, uma altura fortificada[6]. Não será sem importancia notar que no monte da Rotura, nos arredores de Setubal, existe um castro pre-romano[7]; se não era *Caetobriga,* era uma estação analoga a ella.

Á peninsula da Arrabida pertencia a povoação de *Equabona,* hoje representada por *Coina,* nome que corresponde phoneticamente àquelle[8].

Conhecem-se outras cidades d'esta região, mas com nomes latinos; o seu *ubi* tambem se ignora: *Caepiana*[9] e *Caeciliana*[10]. O *Itinerario* menciona ahi uma cidade sob o

---

[1] Vid. *O Archeologo Português,* I, 83; e IV, 127 e 269.

[2] *Geographia,* III, II, 6.—O A. falla da Turdetania em geral.

[3] *Loc. cit.*

[4] *Naturalis Historia,* VIII, 48 (73).

[5] Vid. *O Archeologo Português,* I, 62.

[6] As fórmas do nome d'esta cidade, citadas pelos AA. antigos, são: Καιτόβριξ (Ptolemeu, II, 5), Καιτοβρίξ (Marciano de Heraclea, II, 13), *Catobriga* e *Catobrica* (*Itinerario* de Antonino), *Cetobricca* (Anonymo de Ravenna, ed. de Pinder & Parthey, Berlim 1860, p. 306).

[7] Cf. *O Archeologo Português,* II, p. 247.

[8] Vid. *O Archeologo Português,* III, 7, nota.—O Ravennate tem *Abona,* por falta das primeiras letras: (*Equ*)*abona* (p. 306); é assim, que tambem traz *Celiana* = *(*Cae*)*celiana* por *Caeciliana:* o que póde attribuir-se a erro de cópia.

[9] Ptolemeu, II, 5.

[10] *Itinerario* (cf. supra, nota 8). Plinio cita *Castra Caecilia* no liv. IV, 117.

nome de *Malceca, Malececa* ou *Malececca,* a qual se chama no Ravennate, p. 306, *Malabiste*[1].

Dirigindo-nos agora para E., vemos a cidade de *Ebora,* hoje «Evora», mencionada por diversos AA., por exemplo Plinio[2]: posta no coração da mesopotamia, numa planicie equidistante do *Anas* e do *Calipus*, gozou certamente de muita importancia; todavia da sua epocha antiga só nos ficou o nome, e os monumentos que provém dos Romanos.

Ainda mais para E., e a bastante distancia de Evora, ergue-se um monte, hoje chamado *de S. Miguel da Mota,* perto da aldeia de Terena; ahi esteve o célebre santuario do deus Endovellico, e é natural que para o seu culto concorressem, entre outras, as povoações que tinham assento no *Castello-Velho* e no *Castellinho,* dois outeiros vizinhos, em que, pelo menos num, ha vestigios de edificações antigas, outeiros que, já pelos seus nomes, já por causa d'esses restos archeologicos, pertencem á categoria dos *castros* ou *crastros*[3]. Entre os monumentos votivos do santuario de Endovellico acha-se mais de uma vez a figura do porco; não sería inverosimil suppôr que a conhecida actividade dos Alemtejanos na criação d'esses animaes ascendesse já a epochas remotas.

Como o *Castello-Velho* e o *Castellinho,* ha outros muitos outeiros e montanhas no Alemtejo, que correspondem a outras tantas povoações protohistoricas, de que a Colla, citada a cima, é mais um exemplo; ás vezes os nomes conservaram-se até o presente, segundo vemos em *Castro-Verde,* e em outros.

Bastante ao N. de Terena, perto de Portalegre, revela-

---

[1] Ao N. do Sado ha uma aldeia e uma ribeira chamadas *Marateca*, nome que seria tentador identificar com um dos que cito no texto, admittindo-se, já se vê, que estes estavam muito deformados; existem porém outras *Maratecas* (nos districtos de Santarem, Portalegre e Evora, — casaes e herdades).

[2] *Naturalis Historia,* IV, 117.

[3] Cf. *O Archeologo Português,* I, 212.

nos uma inscripção romana a cidade de *Ammaia*[1]. Os montes que ficam a NE. de Portalegre são-nos tambem conhecidos pela litteratura antiga: o escriptor Cornelio Boccho, que ha todas as razões para crer que era lusitano[2] (vivia no sec. I da E. C.), diz que d'elles se extrahiam pedaços de crystal de admiravel peso, «perquam mirandi ponderis»; mas elle menciona esses montes de modo vago, dando-lhes o nome da cidade: *iuga Ammaeensia*[3]; cfr. tambem hoje «Serra de Portalegre» (na antiguidade tinhamos denominações analogas: *iugum Cyneticum, promunturium Olisiponense, metallum Vipascense,* etc.).

A última cidade importante que devo aqui mencionar é *Aritium Vetus,* conhecida por uma inscripção romana e por outros textos[4]; ficava, ao que se crê, no territorio de Alvega, na margem esquerda do *Tagus.*

Este rio fecha a mesopotamia pelo N. e pelo NO.; nasce nos Celtiberos, atravessa a terra dos Véttones, dos Carpetanos e dos Lusitanos, até morrer no oceano[5]; ao seu porto se refere Avieno (*Ora maritima,* vv. 174-177):

> At qui dehiscit inde prolixus sinus,
> Non totus uno facile navigabilis
> Vento recedit: namque medium accessaris
> Zephyro vehente, reliqua deposcunt notum.

Das lezirias ou dos esteiros do Tejo se poderá entender o que diz Estrabão na *Geogr.,* III, III, 1. O rio abunda em pei-

---

[1] *Corp. Inscr. Lat.,* II, 158: MVNICIP(*es*) AMMAI(*enses*).—Cf. tambem *Corp. Inscr. Lat.,* II, 501, onde se falla de um individuo natural de Ammaia: *Aventinus Ammaiensis.*—Ptolemeu, II, 5, cita mesmo o nome Ἀμμαία.—Sobre o que diz Plinio, vid. infra.

[2] Vid. *O Archeologo Português,* I, 69 sqq.

[3] Este passo de Boecho é-nos conhecido apenas por uma citação de Plinio, *Naturalis Historia,* XXXVII, § 24. Vid. igualmente Peter, *Historicorum Romanorum Fragmenta,* Leipzig 1893, p. 297.

[4] *Corp. Inscr. Lat.,* II, 172; *Mon. ling. Iber.,* p. 223.

[5] Estrabão, III, III, 1.

xes e ostras[1]; na sua foz tem vinte estadios de largura[2]. A alguma distancia d'ella avulta, no meio do rio, uma ilhota, — notavel pela sua vegetação[3], — ilhota que poderá corresponder ao moderno Almourol, e que se avistava do alto da cidade de Μόρων, que era muito bem fortificada e importante[4]. O Tejo, alem de navegavel em certa extensão[5], é rico de ouro, e a esta celebridade natural do rio alludem muitos auctores antigos. Sem querer espraiar-me em citações, lembrarei apenas alguns. Ovidio diz nas *Metamorphoses,* II, 251:

Quodque suo Tagus amne vehit, fluit, ignibus, aurum...

Silio Italico, nos *Punicorum,* I, 155, falla do *auriferi fontis,* II, 404, das *opibus Tagi,* e em XVI, 560, tem o verso:

Qua Tagus auriferis pallet turbatus harenis...

em Catullo, XXIX, 20, figura o *amnis aurifer Tagus;* em Juvenal, III, 54–55, lê-se:

..... opaci
Omnis harena Tagi, quodque in mare volvitur aurum...

ideia que se repete mais adeante, XIV, 298–299:

..... aurum
Quod Tagus ..... volvit .....

e tambem se encontra em Lucano, na *Pharsalia,* VII, 755:

Quidquid Tagus expulit auri.

---

[1] Estrabão, III, III, 1.

[2] Estrabão, III, III, 1. — O estadio correspondia a uns 185 metros ($^1/_8$ da milha romana).

[3] Estrabão, III, III, 1.

[4] Estrabão, III, III, 1. Talvez haja alguma relação phonetica entre *Moron* e *Almourol* = *Al-morol;* cf. já o que diz D. Francisco Manoel de Mello (sec. XVII), *Cartas familiares,* centuria III, carta 62.

[5] Estrabão, III, III, 1.

O ouro do rio tornou-se uma especie de *logar commum* nos poetas, o que não quer dizer que tambem alguns prosadores o não citassem.

Ainda dentro dos limites da mesopotamia lusitana ficavam algumas cidades notaveis, como *Budua* ou *Burdua, Norba, Turgalium, Alea,* — todas ellas na Extremadura hespanhola.

Os productos naturaes que a cima mencionei, gados, lãs, minerios, alem de outros que, como hoje, deviam existir, davam a Estrabão motivo sufficiente para dizer que a mesopotamia era regularmente feliz ou fertil, — μετρίως εὐδαίμων [1]. Por isso tantos povoados a occupavam.

*

Continuemos a nossa digressão para o N., e entremos no territorio da Lusitania primitiva, que, como diz Estrabão, principia no Tejo, e continúa para cima [2]. Ahi encontraremos, conforme já notei, duas regiões secundarias: a comarca d'entre Tejo e Douro; e a *Callaecia.*

Comecemos pela primeira. Como fiz a respeito da região antecedente, considerarei aqui tambem em separado a costa e o interior.

O primeiro promontorio que nos apparece é o Cabo da Roca, limite occidental da serra de Sintra ou Cintra. O geographo romano Pomponio Mela chama-lhe *Magnum* [3]; Plinio chama-lhe igualmente *Magnum,* e alem d'isso *Olisiponense,* do nome da cidade vizinha, e tambem *Artabrum,* i. é., «dos Artabros» [4]. É antes á serra de Sintra em ge-

---

[1] *Geographia,* III, I, 6.

[2] *Geographia,* III, III, 3.

[3] *De situ orbis,* III, I, 50.

[4] *Naturalis Historia,* IV, 113. Os *Artabres* ou *Arrotrebae* (vid. IV, 111, 114, 119) ficavam porém muito para o Norte. Cf. a este proposito A. Haebler, *Die Nord- und Westküste Hispaniens* (já cit.), p. 23.

ral, do que ao Cabo da Roca, em especial, que se refere este passo de Avieno:

> ..... prominens surgit dehinc
> Ophiussae in auras[1],

onde *promineus* tem significação substantiva, «saliencia». Do cabo e da serra, conglobados em uma só designação, falla Ptolemeu: Σελήνης ὄρος, ἄκρον[2], «serra da Lua, promontorio», i. é., «promontorio formado pela Serra da Lua», «promontorio da Serra da Lua»; Marciano diz o mesmo[3].

Ao Cabo da Roca segue-se o Cabo Carvoeiro, que alguns AA.[4] tem querido identificar com o *Promunturium Lunae;* mas esta identificação não me parece justa, poisque nos geographos antigos, como vimos, este cabo anda associado ao monte: ora, nem no Cabo Carvoeiro, nem perto, ha monte algum, como eu verifiquei *de visu,* para o que fui lá de proposito em 1891[5]. Do Cabo Carvoeiro, como de outros mais, não sabemos qual era o nome antigo.

Em frente do cabo ficam as ilhas Berlengas, entre as quaes a Berlenga Grande. Esta ilha tem em Ptolemeu o nome de Λονδοβρίς[6]; eis o que diz o geographo: «junto da Lusitania fica a ilha de Londobris». Já C. Müller fez esta identificação[7]. Marciano tambem cita a ilha, denominando-a Λάνοβρις[8], fórma que differe da precedente em mudança de vogal, deslocação de accento, e em estar o δ absorvido no ν. Como porém é depois de se referir ao Cabo da Serra da Lua que Marciano menciona a ilha, dizendo «ἐνταῦθα

---

1 *Ora maritima,* vv. 171–172.
2 *Geographia,* II, 5, 3.
3 *Périplo,* II, 13.
4 Entre elles, F. Martins Sarmento, *Ora maritima,* 2.ª ed., p. 40
5 Cfr. *Revista Lusitana,* II, 308.
6 *Geographia,* II, 5, 7.
7 Ad Ptolemaeum (vol. I, p. 142 nota).
8 *Périplo,* II, 13.

παράκειται [νῆσος] Λάνοβρις καλουμένη», i. é, segundo a traducção latina, «hic adiacet *insula* Lanobris appellata», póde d'aqui tirar-se argumento contra a identificação que a cima fiz entre este promontorio e o da Roca, e suppôr-se que o promontorio da Lua é o Carvoeiro; mas, se a razão da vizinhança da ilha é importante, não o é menos a falta de uma serra no Cabo Carvoeiro: d'onde se deve concluir que, ou o verbo παράκειται não tem aqui valor tão absoluto como *adiacet,* ou, o que parece mais provavel, que as ideias do geographo eram um tanto confusas acêrca d'estas paragens, por isso que o Cabo Carvoeiro, deante do qual estão as Berlengas, fica logo a seguir ao da Roca.

Desde o Cabo Carvoeiro até á foz do Mondego a costa não offerece accidentes dignos de nota. O Mondego tem nos AA. antigos os nomes de *Munda* [1] e *Monda* [2]; o primeiro é certamente o primitivo (cfr. tambem *Munda?* nome de uma cidade antiga de Hespanha), e d'elle veiu *Monda,* por alteração do *u* em *o,* como em *Dorius* de *Durius.* A moderna fórma, i. é, *Mondego,* assenta nessa: *Mondego* < *Mondaecus, com o suffixo -aecus, que tambem, ao que parece, se vê em *Callaecus,* e existe no português *-êgo* [3]. Em Estrabão o rio tem o nome de *Muliadas* =

---

[1] Mela, III, 8; Plinio, IV, 115.

[2] Ptolemeu, II, 5; Marciano, II, 13.

[3] Cf. Diez, *Grammaire des langues romanes,* II, 283–284, e F. Adolfo Coelho, *Vestigios das antigas linguas da Peninsula Iberica,* Porto 1884 (separata da *Revista de Guimarães,* III, 169–189). Este suffixo tem certa extensão nas linguas nacionaes e no onomastico da Iberia: por ex.: port. *ninhego, labrego,* hesp. *pinariego, veraniego;* á mesma classe creio pertencer *Lamego,* nome que se encontra em Portugal e na Galliza, e de cuja familia são *Lamega* (Portugal) e *Lamego's* (Galliza), — derivados, como supponho, de *lama.* O *Lamego* (= * *Lamaecu-*) da Beira já figura em moedas visigoticas do sec. VII nessa mesma forma: vid. Heiss, *Monnaies des rois wisigoths,* Paris 1872, p. 105. — Ha muitos nomes de origem latina, citados na litteratura antiga, que se conservam ainda hoje no onomastico da Peninsula, por ex.: *Lucus, Emerita,* etc.; cf. tambem *Pinetum, Robo-*

Μουλίαδας [1], que os commentadores tem emendado em Μούνδας, de accôrdo com as outras fórmas do nome do rio. O Mondego nasce na Serra da Estrella; «cavou-se antigamente junto a este rio muito ouro, e se vêem a cima de Pena Cova e noutros lugares os sinaes manifestos d'onde se tirava, e muitos montes de pedra, que os trabalhadores ajuntavão para apurar o ouro»[2]; elle, depois de atravessar a Beira Alta e a Baixa, e tornar ameno e fecundo o *campo de Coimbra,* entra no mar junto da Figueira, que por esse facto se chama *da Foz.* Ahi perto está o Cabo Mondego, cujo nome antigo se ignora.

Ao Norte do Cabo Mondego fica, tambem no Atlantico, a foz do *Vacua,* hoje «Vouga». A fórma *Vacua* é-nos dada por Estrabão: Οὐακούα [3], que está mal accentuada; a accentuação exacta devia ser Οὐάκουα, que concorda com as leis phoneticas do português [4], e com um codice de Marciano, onde se lê o genetivo Οὐάκουα [5]. Outra fórma do nome do rio é *Vagia,* dada por Plinio [6], — evidentemente errada [7]. O Vouga vem das serras da Beirá-Alta, e, do

---

retum. — Ptolemeu cita entre os Véttones uma cidade chamada *Lama* (II, v, 7); é provavel que não exista parentesco entre esta palavra e *Lamego.* — Julgo sem nenhum fundamento a restituição *Lame-āeo-n feita pelo Sr. Holder no seu *Alt-Celtischer Sprachschatz.* s. v.; o Sr. Holder baseou-se, como penso, na forma *Lameacum* dada por Hübner no *Corp. Inscr. Lat.,* II, p. 818, mas esta é manifesto lapso por *Lamaecum.*

[1] III, III, 4.

[2] Fr. Bernardo de Brito, *Geographia da Lusitania,* 1597, fl. 5.

[3] III, III, 4.

[4] De facto a fórma portuguesa *Vouga* só póde explicar-se por *Vácua,* por intermédio de * *Vágua,* * *Vauga.* Nos documentos latino-medievaes encontra-se *Vauga,* que julgo não corresponde á fórma intermédia que acabo de indicar, mas que supponho ser mera latinização de *Vouga.*

[5] Citado por Müller, ad Marcianum, I, p. 548, nota.

[6] *Naturalis Historia,* IV, 113.

[7] Já o Sr. Adolfo Coelho propôs a correcção d'ella in *Mélanges Graux,* p. 231.

mesmo modo que o Monda, é navegavel apenas em pequeno percurso, como diz Estrabão [1].

O ultimo rio memoravel na zona geographica de que estou tratando é o *Durius* ou *Dorius,* hoje «Doiro» ou «Douro», conhecido de muitos auctores antigos, como Estrabão, na fórma Δούριος [2], Mela, na fórma *Durius* [3], Marciano, na fórma Δόριος [4], e outros. É grande rio, que desde a sua origem, na Hespanha, até á sua foz, anda uma extensão de 1:370 estadios [5], sendo susceptivel de navegação no percurso de uns 800 estadios [6]. Desagôa no mar, não longe de *Cale* [7].

Depois de percorrida assim rapidamente a costa, voltemos ao Tejo, e lancemos os olhos para o interior do país.

A primeira cidade que tenho de mencionar é *Olisipo,* «Lisboa» [8], nas margens do *Tagus,* onde hoje está. Muitos auctores antigos fallam d'ella, como Varrão [9], Plinio [10], etc. As fórmas do nome variam: *Olisipo, Olisippo, Ulisipo,* nos AA. latinos e nas inscripções; Ὀλισσίπων, Ὀλισσείπων,

---

[1] *Geographia,* III, III, 4.

[2] III, III, 2, etc.

[3] III, 8.

[4] II, 13.

[5] Marciano, *loc. cit.*

[6] Estrabão, III, III, 4.

[7] Acêrca de *Cale* vid. por ex.: o *Itinerario d'Antonino,* p. 421, da ed. de Wesseling, Amsterdam 1735, que dá a fórma *Calem;* e o anonymo de Ravenna, p. 307, da ed. de Pinder & Parthey, Berlim 1860, que dá a fórma *Calo.* A mais antiga menção d'esta cidade encontra-se nos «Fragmentos Historicos» de Sallustio, apud Servio, ad *Aeneid.,* VII, 728, onde, segundo a luminosa correcção de Voss, ha-de ler-se *Gallaecia* e não *Gallia,* vindo por isso a ser a nossa cidade de *Cale* a citada naquelle passo, e não uma cidade francesa; a nota de Voss está transcrita no vol. II da edição de Pomponio Mela, *De situ orbis,* feita em Leiden em 1748, p. 743.

[8] O seu primitivo assento é provavel que fosse no monte em que se erguc o castello de S. Jorge.

[9] *De Re rustica,* II, 1, 19.

[10] *Naturalis Historia,* IV, 116.

etc., nos AA. gregos; em escritos mais modernos[1] encontra-se *Olisipona,* na qual assenta a fórma actual «Lisboa». De Lisboa ter sido em tempos modernos «rainha do oceano» ninguem infira que na epocha remota de que estou tratando ella fosse muito grande, apesar do rio que a banha, majestoso pelas suas agoas, notorio, como vimos, pelo ouro que encerrava nas suas areias. Ainda assim, auctores ha que a julgaram digna de lhe dar por fundador nada menos que Ulisses, «oppidum .. Ulixi conditum», no dizer de Solino[2]; este êrro tem comtudo como principal base a tal ou qual consonancia que ha entre *Olisipo* e Ὀλυσεύς (= Ὀδυσσεύς), da qual resultou, segundo creio, a orthographia Ὀλυσίπων; como, a julgar do que se lê nas inscripções, a pronúncia popular do nome da cidade foi em certa epocha *Ulisipo,* teve-se aqui outra analogia com o nome latino do heroe grego, *Ulixes* ou *Ulixis*[3], o que daria maior incremento á lenda[4]. Um dos montes vizinhos, que penso não era outro senão o Monsanto, tinha caracter sagrado; os AA. latinos dão-lhe o nome de *Mons Sacer*[5]. Ou neste monte, ou perto d'elle, localizavam os antigos uma notavel superstição, qual era a de as egoas conceberem do vento, e de darem á luz d'essa maneira cavallos muito velozes, embora de curta vida[6]; para o nosso caso a superstição só tem

---

[1] Por ex.: na *Cosmographia* do anonymo de Ravenna, p. 307 (ed. de Pinder & Parthey, Berlim 1860). Suppõe-se que o texto primitivo d'esta obra data do sec. VII da E. C.

[2] *Collectanea rerum memorabilium* (ed. de Th. Mommsen, Berlim 1895), cap. XXIII, § 6.

[3] As fórmas correctas em latim são estas, e não *Ulysses.*

[4] Sabida é a tendencia que tinham os auctores antigos para explicarem nomes geographicos e ethnographicos por nomes historicos de fama. Na Iberia ha tambem muitos exemplos d'ella.

[5] Vid. o que a este proposito escrevi in *Rivista di Storia antica,* vol. II (Messina 1897), pp. 5-6.

[6] Varrão, *De Re rustica,* lib. II, cap. I, § 19 (vid. o meu cit. art. na *Rivista di Storia antica);* Plinio, VIII, 166, etc. — D'este assunto tratou com ampla erudição Antonio Pereira de Figueiredo nas

importancia pelo facto da menção da raça especial dos cavallos. Quanto ao local preciso, nada se sabe dizer ao certo: André de Resende inclinava-se a que fosse o Monte-Junto e a Serra d'Albardos[1]; mas talvez nessa raça cavallar se possa ver o protótypo da que hoje é famosa no Ribatejo.

Nas serras d'esta zona da Extremadura conhecem-se algumas estações pre-romanas: citarei as do Monte-Junto, onde é sobretudo notavel o castro de Pragança, com os seus numerosos artefactos de metal.

Ainda nas margens do Tagus, ao N. de Olisipo, erguia-se numa altura a cidade de *Scallabis* ou *Scalabis*, «Santarem», citada por Plinio[2], por Ptolemeu, etc.[3] Na mesma latitude, da banda do mar, achava-se *Eburobrittium*, tambem citada por Plinio[4], etc., que creio ficava junto da Amoreira de Obidos, a julgar do fragmento de uma inscripção romana que lá encontrei, e que hoje está no Museu Ethnologico Português. Ahi perto fica um castro, em S. Mamede de Obidos, onde se fizeram, a expensas do Museu Ethnologico, algumas excavações, e se encontraram vestigios

---

Memorias da Academia das Sciencias de Lisboa, IX, p. 100 sqq.; mas não se lembrou dos seguintes versos da *Iliada* de Homero, XVI, 148-151 (ed. de Brach), onde se diz que os cavallos guiados por Automedon foram concebidos do vento Zephiro por uma Harpia:

Τῷ δὲ καὶ Αὐτομέδων ὕπαγε ζυγὸν ὠκέας ἵππους,
Ξάνθον καὶ Βαλίον, τὼ ἅμα πνοιῇσι πετέσθην,
τοὺς ἔτεκε Ζεφύρῳ ἀνέμῳ Ἅρπυια Ποδάργη,
βοσκομένη λειμῶνι παρὰ ῥόον Ὠκεανοῖο.

Cf. as notas de Brach a este passo, e Gubernatis, *Mythologie Zoologique*, I, 371-372; e alem d'isso A. Haebler, *Die Nord- und Westküste Hispaniens*, já cit., p. 37-38.

[1] *De antiquitatibus Lusitaniae*, I, 58, ed. de Roma 1597.

[2] *Naturalis Historia*, IV, 117.

[3] II, 5, 4.

[4] IV 113

archeologicos analogos aos do castro ou *castello* de Pragança.

De *Collippo,* «Leiria», lembra-se Plinio[1]; o adjectivo *Collipponensis* encontra-se nas inscripções da epocha romana[2]. Provavelmente a primitiva cidade estava no monte em que hoje se vê o castello medieval.

É preciso ir agora muito longe, lá para o Nascente, a fim de encontrar outra cidade famosa: a capital dos *Igaeditani.* Não consta dos AA. o seu nome primitivo: talvez fosse **Igaedi* ou **Igaedium*[3]; posteriormente tornou-se **Igaeditania,* pois só elle explica a fórma que se encontra nas moedas visigoticas, i. é, *Egitania*[4], e o nome moderno, i. é, *Idanha*[5]. Uma inscripção romana encontrada na aldeia de S. Salvador, entre Monsanto e Valverde, menciona o *terminus Augustalis,* ou demarcação de fronteiras posta pelo imperador Augusto, entre os Igeditanos e os Lancienses Oppidanos[6]; o *oppidum* d'estes Lancienses chamava-se pois *Lancia*[7].

Atravessando as gigantescas montanhas do centro da Beira e o rio Zêzere, chegaremos a *Conimbriga,* que corresponde a «Condeixa-a-Velha»[8], onde ainda se vêem muitas ruinas, que todavia datam de tempos posteriores áquelles de que estou tratando[9]. Não longe de *Conimbriga* estava

---

[1] IV, 113.

[2] *Corp. Inscr. Lat.,* II, 340, etc.

[3] Cf. *Laminitani,* de *Laminium* ou *Lamini.*

[4] Acêrca dos *Igaeditani* vid. *Corp. Inscr. Lat.,* II, 460, etc. Quanto ás moedas, vid. Heiss, *Monnaies des rois wisigoths,* p. 103.

[5] Entre *Egitania* e *Idanha* ha a fórma portuguesa archaica *Eidãia,* que vem em Viterbo, *Elucidario,* s. v. EIDAYA (falta-lhe o til).

[6] *Corp. Inscr. Lat.,* II, 460.

[7] Em Ptolemeu, II, 5, 7, ha *Lancia Oppidana* (nos Véttones); cf. as notas de Müller a este passo, no vol. I, p. 140.

[8] Á cêrca d'esta cidade vid. Borges de Figueiredo, «Oppida restituta», no *Boletim da Sociedade de Geographia,* 5.ª serie, n.º 10 (1885), p. 585 sqq.; e cf. tambem *O Archeologo Português,* III, 147–148.

[9] Cf. *O Archeologo Português,* IV, 305–308.

Aeminium, «Coimbra», situada nas frescas margens do Munda[1].

Á região de entre Munda e Vacua pertence uma cidade cujo nome na sua mais antiga fórma nos é só conhecido pelas moedas visigoticas, mas que data naturalmente de tempos muito anteriores: é *Viseu,* que naquellas moedas se chama *Veseo*[2]. No mesmo caso está *Lamego,* que, como se disse a p. 27, n., póde ter-se denominado outr'ora **Lamaecu-* ou **Lamecu-*[3]. A p. 26 vimos que no santuario de Endovellico se encontraram ex-votos em que figurava a imagem do porco, do que, disse eu, poderia concluir-se que a actividade dos alemtejanos no exercicio da criação d'estes animaes provinha já de remotas eras; tambem numa ara apparecida nas margens do Rio Paiva se esculpiu a figura de um porco[4]: sem querer tirar agora uma inducção semelhante áquella, notarei sómente que ficamos assim conhecendo, por testemunho irrefragavel, um dos elementos da fauna da região beirã na antiguidade.

No extremo Nordeste da região que em tempos modernos recebeu o nome de *Beira,* que comprehende as cidades ultimamente mencionadas, corre o rio **Cuda*[5], «Coa», em

---

[1] Vid. sobre ella tambem Borges de Figueiredo, «Oppida restituta», in *Boletim da Sociedade de Geographia,* 5.ª serie, n.º 2 (1885), p. 67 sqq.

[2] Heiss, *Monnaies des rois wisigoths*, p. 106.

[3] Nos *Monumenta Linguae Ibericae,* n.º LVII, vem uma inscripção onde se encontra, segundo a leitura do Sr. Hübner, a fórma *lamaticom,* a proposito da qual o auctor allemão escreve: «*Lamaticom* fortasse nomen loci est *Lamego* hodie dicti»; mas a fórma *lamaticom* não poderia dar *Lamego,* e unicamente poderia dar **lamago,* como se vê em *Vidago, vinhago, gentiaga,* etc., onde está representado o suffixo -aticum. E curioso que esta inscripção fosse achada no logar chamado *Lamas* (*de Moledo:* na Beira-Alta).

[4] *Corp. Inscr. Lat.,* II, 5247.

[5] Este nome não se encontra nem na litteratura antiga, nem na epigraphia, mas encontra-se o seu derivado geographico *Transcudanus* = *trans*-CUD-*anus:* vid. *Corp. Inscr. Lat.,* II, 760; e cf. *ibidem* o n.º 5261.

cujas vizinhanças estava a communidade ou *civitas Aravorum,* «Devesa», perto de Marialva [1], e a *civitas Lanciensium Transcudanorum* [2], cujo local preciso porém se ignora.

Alem das cidades referidas, muitas outras nesta zona se podem citar, ainda sem localização bem determinada, como *Arabriga, Tubucci, Sellium, Talabriga, Langobriga* [3], etc. Em circumstancias identicas se acha um *mons sacer* que Justino colloca de modo vago na *Gallaecia* [4], e o *Mons Herminius* [5], mau grado aquelles que o identificam com a Estrella ou com outras serras. A região beirã é riquissima de *castros,* por causa da natureza montanhosa do solo; raro se encontrará um monte que não encerre um: isto explica

---

[1] *Corp. Inscr. Lat.,* II, 48; e cf. *Revista Archeologica,* IV, 65.

[2] Este povo é mencionado na inscripção da ponte de Alcantara: LANCIENSES TRANSCVDANI: vid. *Corp. Inscr. Lat.,* II, 760. Temos pois:

a) *Lanciences Transcudani,* ou d'alem-Coa;

b) *Lancienses Oppidani,* que confinavam, como vimos a p. 28, com os *Igaeditani.*

[3] *Langobriga,* segundo o Itinerario d'Antonino, ficava entre *Aeminium* e *Cale,* localização a que não se oppõe o Ravenate, que a sitúa entre *Olisipo* e *Cale.* Nenhuma d'estas localizações implica que *Langobriga* estivesse numa linha recta tirada de *Olisipo* ou de *Aeminium* para *Cale,* pois tambem o Itinerario cita, por ex., *Serpa* entre *Ebora* e *Pax Iulia,* etc. Ora, numa região archeologicamente bem definida, entre Marialva e Freixo-de-Numão, onde se tem encontrado lapides romanas (vid. *Corp. Inscr. Lat.,* II, 428-462), fica, no concelho da Meda, uma aldeia chamada hoje *Langroiva, Langrouva* (pronúncia popular) e *Longroiva,* em doc. medievaes *Longobria* (sec. X: *Port. Mon. Hist.,* Dipl. et Ch., n.º LXXXI) e *Longrovia* (sec. XII: Viterbo, *Elucidario,* s. v. «Bemquerença», vol. I, 1.ª ed., p. 188). Phoneticamente, *Langrovia* póde vir de Langobriga (isto está de accordo com as leis da lingua portuguesa). A geographia antiga não contradiz que Langroiva esteja no territorio de *Langobriga,* pois essa aldeia occupa o vertice de um triangulo cujos outros vertices são, — indo de *Pax Iulia* para o Norte —, *Aeminium* e *Cale.* — Sobre *Langobriga* = Lango-briga, cf. *Rev. Celt.,* XVI, 99.

[4] *Historia Philipina,* XLIV, III.

[5] Vid. *Bellum Alexandrinum,* XLVIII, 4; Dião Cassio, XXXVII, 52. — Cf. tambem, para o estudo do assunto, Borges de Figueiredo in *Revista Archeologica,* IV, 62 sqq.

que os nomes de cidades terminados em -briga, que significa «monte fortificado», fossem ahi relativamente tão numerosos como acabamos de ver.

Fóra do territorio português, mas ainda nos limites da Lusitania, no mais lato sentido da expressão, temos, por exemplo, *Caurium, Capera, Mirobriga, Sentica, Bletisa, Salmantica,* — na Extremadura hespanhola e em Leão.

*

A ultima região que nos falta percorrer é a *Callaecia* ou *Gallaecia*[1], que de modo geral comprehende as nossas provincias de Entre-Douro-e-Minho, e de Tras-os-Montes, e a moderna Galliza. Da delimitação da *Callaecia* falla Estrabão quando diz que os Gallegos ficão ao N. do Douro[2]; cf. tambem Plinio na *Naturalis Historia,* IV, § 119, onde se lê que o Douro separa da Lusitania os Gallegos[3].

A costa portuguesa é quasi sem accidentes; não assim porém a costa gallega.

A cima do *Durius* ou *Dorius,* de que já fallei, fica o rio *Avus,* «Ave»[4], mencionado por Mela[5] e Ptolemeu[6]. É um pequeno rio, que nasce na serra da Cabreira, e que um pouco augmentado de agoas, em virtude de outros

---

[1] A mais antiga fórma do nome é *Callaecia* (variante *Callecia,* — em gr. Καλλαικία).

[2] III, IV, 20.

[3] Sem embargo, o mesmo A., *ibidem,* sitúa a Gallaecia ao N. dos Bracaros. Plinio parece estabelecer assim distincção entre *Gallaecia* (geographia) e *Gallaeci* (ethnologia).

[4] A fórma *Ave,* com *-e,* ou se ha de explicar pelo genetivo *Avi* («flumen Avi»), o que não sería estranho, ou por influencia do nome commum *ave,* segundo o processo linguistico denominado *etymologia popular;* a favor d'esta última explicação está o chamar-se «Entre-ambas-as-Aves» o sítio onde no *Ave* entra o *Vizella* ou *Avizella* (= *Av-ic-ella, nome deminutivo de *Ave*); nessa expressão é *Ave* dado como feminino. Cf. *Revista Lusitana,* III, 222.

[5] III, 1.

[6] II, 6, 1.

rios que a elle affluem, desagôa no mar entre Villa do Conde e Azurara. No seu percurso através da fresca provincia do Minho, passa perto de varios castros, e entre elles, como mais importantes, os de *Sabroso* e da *Citania,* do ultimo dos quaes já falla Fr. Bernardo de Brito, em fins do sec. XVI, na *Geographia da Lusitania,* fls. 5 *v* [1].

Entre os rios Avus e Nebis commemora Ptolemeu o Ἄυαρον ἄκρον [2] = *Avarum promunturium.* Em virtude da analogia de sons, real ou apparente, que existe entre *Avus* e *Avarum,* tem alguns AA. localizado este promontorio na foz d'aquelle rio, fazendo-o corresponder assim a uma das pontas que por ahi fórma a costa [3].

Ainda entre o Avus e o Nebis fica, segundo Pomponio Mela [4], o rio *Celadus* [5]. Geographicamente não póde deixar de lhe corresponder o Cávado, que, tendo sua nascente em Tras-os-Montes, morre no mar, junto de Esposende. O nome português antigo do *Cávado,* era *Cádavo,* e este relaciona-se com a familia de palavras a que pertence *Cadaval, Cadavaes, Cadaveira* etc., e que tem por base o nome commum *cádavo,* que hoje existe como tal em gallego, e que significa «gamón ó ganzo, palo de tojo chamuscado, hierba», segundo o *Dicc.-gall.-cast* de Valladares y Nuñez [6].

---

[1] Tanto a respeito de um como do outro existem alguns folhetos e artigos, de Sarmento, Hübner, etc. Cf. *Corp. Inscr. Lat.,* II, pp. 896–897; O *Arch. Port.,* VI, 53 sqq; e *Relig. da Lusit.,* I, indice s. v.

[2] II, 6, 1.

[3] Müller numa nota ao citado lugar de Ptolemeu suppõe, levado da semelhança phonetica de *Avarum* e *Aveiro,* que o promontorio corresponde ao sítio d'esta cidade; mas tenho tal semelhança como meramente casual, pois Aveiro fica muito ao Sul do ponto de que se trata, e o nome archaico d'esta cidade é *Aaveiro* (hoje ainda na pronúncia o primeiro *a* é aberto, embora atono: *àveiro*).

[4] III, I, 70.

[5] Em alguns mss. *Celandus.* Mas a melhor lição é a que dou no texto.

[6] D'esta etymologia me occupei num artigo publicado no *Clamor do Bombarral* (jornal), n.º 42 (1892).

O rio *Nebis,* conhecido de Mela[1], Ptolemeu[2], etc., nasce no termo da villa da Barca, e tambem morre no mar. Parece que Estrabão se equivocou chamando *Baenis* ao *Minius*[3], pois *Baenis* está certamente por *Naebis* = *Nebis,* tendo havido aqui uma metathese, como em Νίμιος = Μίνιος[4], e em *Millia* = *Limia*[5]. A moderna fórma *Neiva* corresponde a *Nebis,* mas não directamente; tem de se admittir *Nebia como fórma intermedia, pois só por esta se póde explicar, segundo as leis phoneticas, *Neiva*[6].

Chegamos agora á foz de um rio de grande nomeada, pelas lendas que lhe andam annexas, as quaes estudo nas *Relig. da Lusit.,* II: é o *Limia,* «flumen oblivionis», que vem dos Celtibéros e dos Vacceus[7], e desagôa no Atlantico junto da pittoresca Vianna. Nos codices estrabonianos tem este rio as fórmas incorrectas Λιμαίαν, Λημαίαν (acc.).

Depois d'elle, apparece-nos o Ancora, cujo nome antigo ignoramos, mas em cujo valle se encontram numerosas ruinas de povoações pre-romanas[8].

O último rio importante da costa portuguesa é o *Minius,* mencionado por Estrabão[9], Mela[10] e outros. Hoje chama-se *Minho.* É o maior rio da Lusitania[11], navegavel na extensão de 800 estadios, a contar da foz. Provém do territorio dos Cantabros[12].

---

[1] III, 10.
[2] II, 6, 1.
[3] III, III, 4.
[4] Em Appiano, c. 72.
[5] Em alguns codices. Vid. Müller, ad Ptolemaeum, I, 143.
[6] Para a adopção da fórma popular *Nebia podia contribuir a terminação *-ia* de *Limia.* São frequentes na lingoagem os factos d'estes natureza.
[7] Estrabão, III, III, 4.
[8] Martins Sarmento, n-*O Pantheon*, 1880–1881, p. 2.
[9] III, III, 4.
[10] III, 10.
[11] Estrabão, III, III, 4.
[12] Estrabão, III, III, 4.

Na embocadura do rio Minho no oceano ha uma ilha, com um ancoradouro formado por dois molhes, segundo Estrabão[1]. Á mesma ilha se refere, segundo penso, Avieno na *Ora maritima,* vv. 164 sqq.:

> . . . . . post pelagia est insula
> Herbarum abundans adque Saturno sacra:
> Sed uis in illa tanta naturalis est,
> Vt, siquis hanc innauigando accesserit,
> Mox excitetur propter insulam mare,
> Quatiatur ipsa, et omne subsiliat solum
> Alte intremescens, cetero ad stagni uicem
> Pelago silente.

Esta ilha é, no meu entender, a nossa Insoa. A descripção d'ella no estado actual corresponde á que faz Avieno. Lê-se no *Portugal antigo e moderno,* III, 395: «Mesmo no meio do rio Minho ha um ilheu de rochedos granitieos, que divide em duas a barra, sendo a do S. chamada *barra portuguesa,* e a do N. *barra gallega* . . . . Fica este ilheu entre a villa portuguesa de Caminha e a aldeia gallega [de Campos-Ancos]. Sobre o rochedo ou rochedos se construiu a fortaleza da Insoa. Na baixa-mar descobre uma restinga de areia; mas na prea-mar as ondas banhão as muralhas, e não poucas vezes embravecidas galgam por cima d'ellas com fragor. Em occasião de temporaes fica incommunicavel com a terra, porque nenhum barco se atreve a ir lá . . . . No rio Minho ha outras muitas insoas, todas planas e cobertas de uma especie de *murraça* (herva marinha), que vão ceifar os moradores das duas margens, mas só na falta de outra, porque é fraca, e o gado só com muita fome a póde comer». Os pontos de concordancia entre a Insoa e a ilha a que se referem as duas notícias contidas nas obras de Estrabão e Avieno são pois: 1) a situação na embocadura do rio Minho, — πρόκειται δὲ τῆς ἐκβολῆς αὐτοῦ νῆσος (Estrabão); 2) a abundancia da mur-

---

[1] *Geographia,* III, III, 4.

raça, — *herbarum abundans* (Avieno); 3) a braveza do mar em certas circumstancias, — *vis tanta naturalis* (Avieno). Por isso a hypothese que apresento parece-me ter base[1].

Para alem da foz do rio Minho, no Atlantico, fica a *ora maritima* gallega, toda recortada de golphos, e com algumas ilhas nas anfractuosidades. Ahi se nos depara em primeiro lugar o promontorio Ὀρούιον, que parece corresponder ao *Aryium* e *Aruium* de Avieno, hoje Cabo Silleiro; depois vem as ilhas que os Romanos chamaram *Siccae;* vem a foz do *Laeros,* a ilha *Aunios,* a foz do *Sars* e do *Tamaris,* o promontorio *Nerium,* a foz do *Mearus* ou *Naris,* o *Cornu Trileucum,* a foz do *Navialbio,*] já no Mar Cantabrico.

Até aqui descrevi a costa; seguindo agora o mesmo methodo que tenho seguido, passarei a fallar das regiões mediterraneas, ou do interior.

Logo perto de *Cale* e do *Durius* se nos deparam alguns castros: Guifões, sobre o rio Leça[2]; Alvarelhos, não longe do *Avus*[3]; Monte-Cordova, no concelho de Santo Thyrso[4].

No concelho de Marco-de-Canaveses havia, entre outras, uma povoação protohistorica, cujo nome nos foi conservado em parte por uma inscripção latina da epocha romana:

---

[1] Os editores de Estrabão, Müller & Dübner, não sabendo da existencia de uma ilha nas bocas do rio Minho, porque nem todos os mappas a mencionam, dizem sem mais: «Insula illa non est ante Minii (*Minho*) ostia, sed ab eo boream versus (*isla Cies*) ad maris recessum». Ad Strabonem, p. 753. Vê-se o nenhum fundamento de tal emenda a um texto tão positivo e tão conforme com a verdade actual. Se a ilha da Insoa é pouco importante, não é mais importante do que ella nenhuma das Cies. — Em 1902 estive á vista d'estas e da Insoa.

[2] Vid. *O Archeologo Português,* IV, 270.

[3] Vid. Ribeiro Fortes, *A estação archeologica d'Alvarelhos,* Porto 1899. — D'este castro já ha noticias medievaes: por ex., em um doc. do sec. XI (*Port. Mon. Hist.,* Dipl. et Ch., n.º 533): «*kastro Alvarelius* discurrente rribulo Aue in territorio Portugalensis».

[4] Vid. *O Archeologo Português,* I, 12 e 145.

-ongóbriga[1]; perto d'essa povoação corre o rio **Tamaga*[2], hoje chamado Tamega, affluente do Douro.

Como a *Callaecia* é muito montanhosa, não admira que abundem nella os castros. Não acabaria nunca, se fosse a mencioná-los todos; contentar-me-hei, pois, com remetter desde já o leitor para *O Archeologo Português,* onde encontrará abundancia de notícias. Em todos ou quasi todos os concelhos dos districtos do Porto, Braga, Vianna, Villa-Real e Bragança os ha. Eu mesmo tenho por lá visitado muitos. Alguns d'estes castros tem já uma litteratura, como por exemplo, o de Avellans[3], arredores de Bragança, onde appareceu uma inscripção romana em que figura o *ordo Zoelarum*[4]. Do castro de Santo Ovidio (Fafe) provém uma das célebres estátuas lusitanicas de guerreiros[5]. De Sabroso e Citania fallei acima. Infelizmente não sabemos os nomes que na epocha pre-romana correspondiam a estes castros, como por outro lado nem sempre podemos localizar as cidades de que nos fallam os textos antigos.

No Entre-Douro-e-Minho, μεταξὺ δὲ τοῦ Μινίου καὶ τοῦ Δωρίου, cita-nos Ptolemeu estas cidades pre-romanas: *Bracara, Caladunum, Tuntobriga* (= Tongobriga?), *Araducca*[6]. Pelo menos duas d'ellas deviam mais ou menos coincidir com modernos castros, como o provam as terminações dos seus nomes *-briga* e *-dunum,* que significam em

---

[1] Vid. *Revista Lusitana,* I, 236-237; e *Corp. Inscr. Lat.,* II, 5564.

[2] Esta palavra não nos foi conservada em antigos textos; foi-o porém o derivado *Tamagani:* vid. *Corp. Inscr. Lat.,* 2477.

[3] A povoação que lá existe hoje chama-se mesmo *Castro d'Avellans.* Aqui cito alguns trabalhos a seu respeito: *Panorama,* VIII (1844), 269; *Memorias de Litteratura Portuguesa,* V (1783); *Archivo Pittoresco,* V, 83-85; *Diario Illustrado,* 1880, n.º 2631; *Primeiro de Janeiro* (ou em Janeiro de 1877, ou proximo); *Relatorio* de Pinheiro in *Revista de Guimarães,* V, 71; um artigo de Borges de Figueiredo in *Revista Archeologica,* I, 85; outro de Pereira Lopo in *O Arch. Port.,* III, 192.

[4] *Corp. Inscr. Lat.,* 2606.—Dos *Zoelae* ha várias notícias na litteratura antiga e epigraphia.

[5] Vid. *O Archeologo Português,* II, 30-32.

[6] II, VI, 38.

celtico «montanha», «fortaleza». *Bracara,* que na epocha romana se chamava *Augusta,* estava conhecidamente no sitio da moderna Braga; a respeito d'ella temos muitos textos. É curioso que Ausonio, nas suas *Clarae urbes,* n.º IX, citando a rica Bracara, diga que ella ficava á beira-mar:

Quaeque sinu pelagi iactat se Bracara diues ...

o que deve interpretar-se por este facto: que os Bracaros, segundo Ptolemeu[1], habitavam um territorio banhado pelo oceano, τὰ..ἐπὶ θαλάσσῃ; e que, sendo Bracara a capital d'elles, Ausonio, que escrevia lá de longe uma poesia, e não um tratado geographico, tomou a parte pelo todo, dando pois a Bracara situação maritima. Á mesma serie de cidades ptolemaicas pertencem tambem estas: *Complutica* e *Pinetum,* que por terem nomes latinos, pouco importaria omittir aqui. Com quanto não possuamos texto algum que se refira ás thermas que hoje se chamam *de Vizella,* não ha dúvida que ellas erão conhecidas nesta epocha, porque ahi se encontraram inscripções romanas com varios nomes indigenas, e entre elles o de um deus de que fallo nas *Religiões da Lusitania,* vol. II.

Outro nome latino de cidade lusitana (do tempo dos Flavios) é *Aquae Flaviae,* hoje Chaves[3], denominação cuja primeira parte tem por origem as «thermas» que ahi ha; como nos arredores se tem encontrado inscripções com nomes indigenas, não é improvavel que a cidade romana tivesse por base uma cidade pre-romana, mas nada posso ao certo affirmar a tal respeito.

Ptolemeu cita ainda nos limites, ao que parece, do nosso país, *Volobriga* e *Coeliobriga,* cujas terminações não desdizem, como notei a cima, da natureza physica da região que estamos percorrendo, região montanhosa, povoada de

---

[1] *Geographia,* II, VI, 38.
[2] Ptolemeu, *Geographia,* II, 6, 38.
[3] Cf. *Corp. Inscr. Lat.,* II, 5682.

castros (*brigae*). Carlos Müller propõe identificação entre *Volobriga* e *Aobriga*[1], o que me não parece nada provavel. Quanto a *Coeliobriga*, este nome foi já comparado com *Caeilobricoi*, que se lê numa inscripção indigena da região de Viseu[2].

Por uma inscripção romana conhecemos a *civitas Baniens(ium)*[3]; a séde do territorio d'estes Banienses devia ser pelas alturas de Moncorvo.

A cidade de Bragança (pop. *Brègança*, ant. *Bregança*, **Bergança*) parece corresponder a uma antiga **Brigantia*, segundo o que notei n-*O Archeologo Português*, III, 57.

Para lá do Minho, na região correspondente á actual Galliza, muitas povoações se podiam citar, mas não tenho de fallar d'essa região com tanta minudencia como do meu proprio país. Plinio cita, por exemplo, na jurisdição dos Bracaros, o *oppidum Abobrica* e o *castellum Tyde*[4]. Não ha dúvida que *Tyde* = *Tude* é a moderna cidade de Túy. A situação de *Abóbrica* = *Abóbriga* é que não é tão clara[5].

---

[1] Ad Ptolemaeum, vol. I, p. 163.

[2] Vid. Hübner, *Monumenta linguae Ibericae*, p. 185 (e *Corp. Inscr. Lat.*, II, p. 165; e *La arqueologia de España*, p. 60); cf. tambem Müller, *ibidem*, p. 163.

[3] Cf. *O Archeologo Português*, II, 169.

[4] *Naturalis Historia*, IV, § 112.

[5] O Sr. Hübner, no *Corp. Inscr. Lat.*, II, p. 346, suppõe identica a fórma *Abobrica* a *Aobriga* (*Corp. Inscr. Lat.*, II, 2477) e a *Avobriga* (cujo derivado *Avobrigensis* vem no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 4247), e accrescenta que em *Avobriga* lhe parece entrar o nome *Avus* (rio). Já D. Detlefsen, no *Philologus*, XXXVI, 657-658, combateu a opinião do Sr. Hübner quanto á explicação de *Avobriga* pelo nome do rio Ave; effectivamente, no systema geographico de Plinio, *Naturalis Historia*, IV, § 112, o *oppidum Abobrica* fica antes ou ao pé do rio Minho, e por isso longe do *Avus* ou Ave, que corre ao Sul, a grande distancia. Por qualquer lado que estudemos a historia e geographia antigas, as difficuldades são ordinariamente enormes. Aqui, por exemplo, se por um lado é tentador o explicar *Avobriga* por *Avo-briga*, o que está perfeitamente de accôrdo com a phonologia celtica e com o facto de um dos castros do Ave poder chamar-se realmente *Avóbriga*; por outro lado é tambem muito natural que

O mesmo A. situa na jurisdição de Lugo o *Noeta oppidum*[1].

A respeito de outros povos e cidades d'esta região dá algumas noticias interessantes Ptolemeu, *Geogr.*, II, 6, 21.

Tão extensa como é a Lusitania primitiva, pois que, como vimos, começa no Tejo, e continúa para o N., medindo de extensão 3:000 estadios[2], como quem dissesse 111 legoas, não admira que offereça á consideração do visitante multiplos aspectos physicos, possua variados climas, e no seu solo esconda riquezas de toda a especie.

Ao oriente e ao N. erguem-se altas e asperas serranias; do lado do mar, na Extremadura e Beira occidentaes, e em parte do Entre-Douro-e-Minho, o terreno é porém por vezes plano, apenas interrompido por alguns montes de pequena altitude[3]. Embora os sitios montanhosos tenham clima rigoroso, e passem, agronomicamente fallando, por

---

Aobriga corresponda a *Avobriga*, por syncope do *v* intervocalico, e que *Avobriga* provenha de *Abobrica*, por degeneração do *b* em *v*,— vindo nós a ter a serie: *Abobrica* = *Abobriga* > *Avobriga* > *Aobriga*. Fernandez-Guerra, in *Revista Archeologica*, II (Lisboa 1888), 89-92, livrou-se de difficuldades admittindo tres cidades, cada uma d'ellas respectivamente com um d'aquelles nomes: *a*) *Aóbriga*, correspondente a *Orense*, que Fernandez Guerra deduz, sem bons fundamentos, de *Auriensis* < > *Aobrigensis* (mas *Auriensis* é evidentemente latinização medieval de *Orense*; por outro lado o grupo *ns* devia estar reduzido a *s*); *b*) *Abobriga*, correspondente ao nosso ilheu da Insoa, de que fallei a cima, p. 38 (todavia Plinio diz *oppidum Abobrica*, e não *insula*, citando comtudo ao pé as *insulae Siccae*); *c*) *Avobriga*, que elle suppõe fosse uma cidade junto do Ave. Não ha dúvida que podia haver cidades com nomes iguaes ou semelhantes, como hoje acontece; mas o que é certo é que, se sabemos que *Abobrica* = *Abobriga* ficava perto do rio Minho, nada sabemos da situação das outras duas, nem se todas constituiam uma só ou não.

[1] *Naturalis Historia*, IV, § 111.

[2] Estrabão, III, III, 3.

[3] Estrabão, III, III, 3.

estereis e pobres[1], o país comtudo abunda de frutos, gado e metaes preciosos[2]; para a riqueza e fertilidade da maior parte d'elle contribuem os numerosos rios que a cima citei, e que o atravessam de E. a O., perpendicularmente ao Tejo[3], alguns d'elles, segundo disse, notaveis pelo ouro que encerram, como tambem não raro o são os montes[4]. Da producção do chumbo falla Plinio nestas palavras: «nunc certum est in Lusitania gigni et in Gallaecia summa tellure harenosa et coloris nigri»[5]. Tratando de modo geral da Provincia Tarraconense, em cujos limites se comprehendia o territorio que estou agora a descrever, diz ainda o mesmo auctor: «omnisque dicta regio a Pyrenaeo metallis referta auri, argenti, ferri, plumbi nigri albique»[6]. Testemunho da existencia de carvalhos na Lusitania temo-lo em Estrabão, quando diz que um dos alimentos dos montanheses era a bolota, δρυοβάλανος[7]. No que são propriamente frutas de mimo, achamos outra notícia, e interessante, em Plinio, que conta que tem fama na Belgica e nas margens do Rheno as ginjas ou cerejas lusitanas[8]; como porém a Lusitania pliniana seguia do Douro para o S., não se póde dizer se as palavras do naturalista se relacionam precisamente com o país do N. do Tejo. No mesmo caso está a notícia dada por elle a respeito do *coccum,* «imperatoriis dicatum paludamentis»[9]. Posso aqui igual-

---

[1] Estrabão, III, III, 5.— Sobre a aspereza do clima vid. o mesmo auctor, III, III, 8, e as respectivas observações de Müller.

[2] Estrabão, III, III, 5.

[3] Estrabão, III, III, 4.

[4] Justino, XLIV, III, *Epitome hist. Philipp.*— Sobre o ouro da Lusitania cf. tambem Plinio, *Naturalis Historia,* XXXIII, 78.— Em especial sobre o *Callaicum aurum* vid. Marcial, *Epigram.,* IV, 39, e XIV, 95.

[5] *Naturalis Historia,* XXXIV, § 156.

[6] *Naturalis Historia,* IV, 112.

[7] *Geographia,* III, III, 7.

[8] *Naturalis Historia,* XV, 103.

[9] *Naturalis Historia,* XXII, 3.

mente citar a referencia que Varrão faz á gordura dos porcos da Lusitania na sua obra *De Re rustica,* II, IV; esta referencia combina com a que acima vimos a respeito dos porcos do Alemtejo e da Beira em epochas antigas [1]. Mais particular é a allusão de Gracio Falisco aos cavallos da Callaecia, os quaes, ainda que não por tão longe como as *cerasi* de que ha pouco fallei, tambem eram celebres fóra do seu lugar de origem:

Callaecis lustratur equis scruposa Pyrene [2].

Na impossibilidade de citar tudo quanto na litteratura antiga se relaciona com o assunto, — nem para o alvo que tenho em vista é preciso isso, — vou encerrar esta descripção com a traducção textual do que se lê (em grego) num fragmento historico de Polybio, e que tem especial referencia á região do N. do Tejo [3]. Este fragmento foi-nos conservado por Atheneu (escriptor do sec. III da E. C.), no principio do liv. VIII dos Δειπνοσοφισταί, e faz parte do liv. XXXIV das *Historias* de Polybio, livro que, como outros, do mesmo A., já não existe na sua totalidade: «Descrevendo no liv. XXXIV das suas *Historias* as excellencias da Lusitania, — país da Iberia, a qual os Romanos chamam agora *Hispania* —, Polybio Megalopolitano diz que lá, pelo bem temperado do clima, os animaes e a gente são prolificos, e os frutos jámais se estragam no país: tanto assim, que as rosas alli, os goivos brancos, os espargos, e outros productos da Natureza semelhantes a estes, só deixam de dar durante tres meses. O peixe do mar, já pela sua abundancia, já pela sua boa qualidade, já pela sua belleza, differe muito do que se cria no Mediterraneo.

---

[1] Cf. tambem Thurneysen, *Sagen aus dem altem Irland,* Berlim 1901, p. 1, onde o texto varroniano se cita a proposito de tradições celticas da Irlanda.

[2] *Cynegeticon,* v. 514.

[3] Num auctor do sec. III-II A. C., como é Polybio, só póde entender-se por Lusitania essa região, pois que Estrabão, que é posterior a elle, assim ainda a define: vid. *Relig. da Lusit.,* vol. I, p. XXI.

E o siclo (medimno) de cevada custa uma dracma; o de trigo nove obolos alexandrinos; a metreta de vinho uma dracma. E o cabrito mediano e a lebre um obolo cada um. O preço dos cordeiros regula entre tres e quatro obolos. Um porco gordo, de cem minas de pêso, vale cinco dracmas, e uma ovelha duas. Um talento de figos tres obolos. Um vitello cinco dracmas, e um boi, que já possa jungir-se, dez dracmas. A carne dos animaes bravos, a que quasi nem se attribue valor, dá-se de convite e gratuitamente»[1].

*
* *

Eis ahi, nas paginas precedentes, a summula da geographia do territorio que vae desde o *Cyneticum*, através da mesopotamia de entre Tejo e Guadiana, até o Mar Cantabrico, que banha as costas da *Callaecia*.

É territorio bastante accidentado: planicies onde o trigo ostenta louras messes, ou onde pastam pacificamente os gados por entre as azinheiras; valles de doce fresquidão, em que a videira, a ginjeira, a figueira pagam com bons juros os cuidados do lavrador; montanhas que não se sabe por onde mais nos cativem, se pela majestade dos seus contrafortes revestidos de matagaes, se pela riqueza dos seus veios metalliferos. No *Cyneticum* e na mesopotamia os rios são pouco numerosos e pouco fartos de agoa, se exceptuarmos os dois das extremidades e o Calipus; á proporção porém que se caminha para o N., as arterias fluviaes augmentam em número, o que torna viçoso e fecundo o país, — e então admiramos ora correntes caudalosas como o Durius e o Minius, ora placidas como o Munda e o Avus, de cada uma das quaes é licito ás vezes dizer o que do Arar diz Cesar nos *Commentarios da guerra gaulesa*, I, 12: «ut oculis in utram partem fluat iudicari non possit». A estas differenças que se notam á superficie do

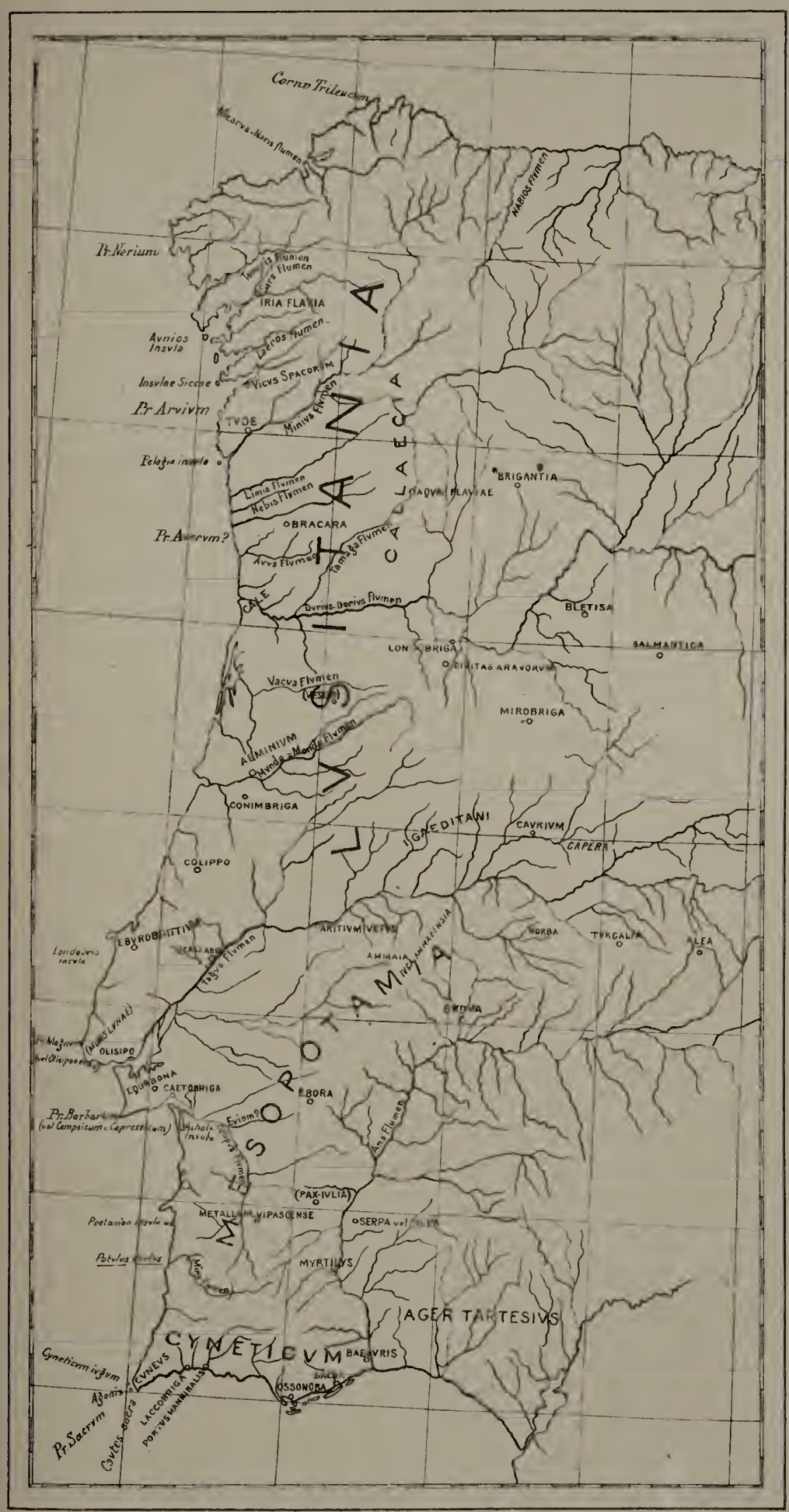
[1] Da edição de 1839 (Paris, Didot), t. II, cap. VIII, p. 113-114.

solo correspondem differenças de clima: sereno ou quente para o S., aspero para o N. Que cousa mais triste que um descampado alemtejano! Pelo contrário, como os olhos se regalam ao pousarem na verdura das veigas do Minho, ou ao percorrerem a orla do mar do Algarve, tão ajardinada quasi toda ella!

Numerosas povoações occupam este vasto territorio, ou assentes em regiões planas, como Ossonoba, Balsa, Ebora, ou construidas em pincaros de montanhas, e por isso ás vezes no celtico da Lusitania especificadas com os expressivos nomes de *briga* e *dunon*. Se restam ainda muitissimas ruinas que attestam a existencia das nossas velhas cidades, — todavia a quasi todas as que a litteratura antiga e a epigraphia nos ensinam a conhecer deve applicar-se o seguinte melancolico verso de Avieno, *Ora maritima,* 247:

Famam atque nomen sola liquit caespiti!

Esse grande número de povoações, mostra como o país era densamente habitado, o que não admira, pois que desde os mais remotos tempos se encontrava em condições climatericas para isso, e desde então tinham vindo para cá povos provenientes de toda a parte.



Mappa da Lusitania protohistorica

INDEX GEOGRAPHICVS ANTIQVVS

Abóbriga, oppidum : 46.
Achale, insula : 21, 22, adnot. 1.
Aeminium, oppidum : 37.
Aesuris (lectio falsa) pro eo quod est *Baesuris:* 18, adnot. 3.
Agonis, insula : 14.
Alea, urbs : 29.
Ammaeensia (iuga) : 27.
Ammaia, urbs : 27.
Anas, flumen : 18, 20.
Aóbriga, oppidum : 46.
Aquae Flaviae, urbs : 45.
Arabriga, oppidum : 38.
Araducca, urbs : 44.
Arandis, urbs : 23.
Arani, vel Aranni : vid. verbum quod est *Arandis.*
Aravorum civitas : 38.
Arcóbriga, oppidum : 23.
Aritium Vetus, urbs : 27.
Artabrum (promunturium) : vid. *Magnum (promunturium).*
Aryium = Aruium, promunturium : 43.
Augustalis (terminus) : 36.
Aunos, insula : 43.
Avarum promunturium : 40.
*Avicella, flumen : 39, adnot. 4.
Avóbriga, oppidum: 46, adnot. 5.
Avus, flumen : 39.
Baenis (lectio falsa) pro eo quod est *Nebis:* 41.
Baesuris, urbs : 18.
Balsa, urbs : 18.
Baniensium civitas : 46.
Barbarion (promunturium) : 22.
Bletisa, urbs : 39.
Bracara, urbs : 44, 45.
Bracari, populus : 45.
Braetolaeum, urbs : 23.
*Brigantia, oppidum : 46.
Budua, vel Burdua, urbs : 29.
Caeciliana, urbs : 25.
Caeilobricoi, populus : 46.
Caepiana, urbs : 25.
Caetóbriga, oppidum : 25.
Calipus = Καλίπους.
Caladunum, oppidum : 44.
Cale, urbs : 43.
Callaecia, regio septentrionalis: 11, 29, 39.
Capera, urbs : 39.
Catraleucus, urbs : 23.
cautes sacra : 14.
Caurium, urbs : 39.
Celadus, flumen : 40.
Cempsicum : vid. *Cepresicum.*
Cepresicum (iugum) : 22.

Coelióbriga, oppidum : 45, 46.
Collippo, urbs : 36.
Complutica, urbs : 45.
Conimbriga, oppidum : 36.
*Cuda, flumen : 37.
Cunetes, populus : 12, 13.
Cuneus, ager (verbum quod fere idem valet ae *Sacrum Promunturium*) : 13, 16, 17.
Curetes (leetio falsa) = *Cunetes*.
Cynetes = Cunetes.
Cyneticum, regio meridionalis : 11, 18, 20 ; (iugum), 22, 27.
Durius, vel Dorius, flumen : 33.
Ebora, oppidum : 26.
Eburobrittium, urbs : 35.
Egitania, urbs : 36.
Equábona, urbs : 25.
Eviom, urbs : 17.
Gallaecia = Callaecia.
Herminius (mons) : 38.
Ἱερὸν ἀκροτήριον, vel Saerum promunturium : 13.
Igaeditani, populus : 36.
Καιτόβριξ = Caetobriga.
Καλίπους, flumen : 21, 24.
Κατραλευκός = Catraleueus.
Κούνεος = Cuneus ; vid. hoe voeabulum.
Κυνητικόν = Cynetieum : 12.
Laccóbriga, urbs : 15.
Laeros, flumen : 43.
*Lamaecu-, urbs : 31, adnot. 3 ; 37.
Lancia, oppidum : 36, 38, adnot. 2.
Lanciensium Transcudanorum eivitas : 38, adnot. 2.
Langóbriga, oppidum : 38.
Λάνοβρις, insula : 30, 31.
Αιμαίαν, Αημαίαν (leetiones falsae) pro *Λίμιαν : 41.
Limia, flumen : 41.
Λενδοβρίς : vid. verbum quod est Λάνοβρις.
Lunae promunturium : 30.
Magnum (promunturium), vel Olisiponense, vel Artabrum : 29.
Malabiste. Vid. s. v. *Malceca*.
Malceca, vel Malecceca, vel Malececa, urbs : 26.
Mearus = Naris, flumen : 43.
Meribriga, oppidum : 23.
Meróbriga, oppidum : 24.
Millia (leetio falsa) pro eo quod est *Limia* : 41.
Minius, flumen : 41.
Miróbriga, oppidum : 39.
*Mondaecus, flumen : 31.
Μόρων, urbs : 28.
Muliadas pro eo quod est *Monda* : 31, 32.
Munda, vel Monda, flumen : 31.
Myrtilis, urbs : 18.
Naris = Mearus : 43.
Navialbio, flumen : 43.
Nebis, flumen : 41.
Nerium, promunturium : 43.
Nimios (leetio falsa) pro eo quod est *Minius* : 41.
Noeta, oppidum : 47.
Norba, urbs : 29.
Olisipo, vel Ulisippo, vel Olisippo, urbs : 33.
Olisiponense : vid. *Magnum (promunturium)*.
-ongóbriga, oppidum : 44.
Ophiussae (prominens) : 30.
Ὀρούϊον, promuuturium : 43.
Ossonoba, urbs : 12, adnot. 4 ; 18 ; 19, adnot. 6.
patulus portus : 20, 21.
Pax Iulia, urbs : 24.
pelagia insula : 42.
Pinetum, urbs : 45.
Poetanion, insula : 21 ; 22, adnot. 1.
Portus Hannibalis : 15.

Sacrum (promunturium): 13.
Sacer (mons): 34.
Salacia, urbs: 25.
Salmantica, urbs: 39.
Sars, flumen: 43.
Scalabis, vel Scallabis, urbs: 35.
Σελήνης ὄρος, ἄκρον: 30.
Sellium, urbs: 38.
Sentica, urbs: 39.
Siccae (insulae): 43.
Σφήν pro vocabulo quod est *Cuneus*: 13.
Tagus, flumen: 12, 20, 28.
Talábriga, oppidum: 38.
*Tamaga, flumen: 44.
Tamaris, flumen: 43.
Tartesii, populus: 12.
Tartesius (ager): 18.
Transcudani, populus: 37, adnot. 5; 38.
Trileucum (cornu): 43.
Tubucci, urbs: 38.
Tuntóbriga (= Tongóbriga ?), oppidum: 44.
Turdetani, populus: 19, adnot. 6.
Turdetania, regio: 19, adnot. 6.
Turgalium, urbs: 29.
Tyde, castellum: 46.
Vácua, flumen: 32.
Veséo, urbs: 37.
Vipascense (metallum): 24, 27.
Volóbriga, oppidum: 45, 46.
Zoelarum ordo: 41.

TABOADA DAS MATERIAS

Dedicatoria 5–9
Divisões da Lusitania:
1. *Cyneticum* (Algarve) 12
2. Mesopotamia d'Entre-Tejo-e-Guadiana 20
3. Lusitania primitiva:
a) comarca d'entre Tejo e Douro 29
b) *Callaecia* 39
Index geographicus antiquus 53

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00018 9700